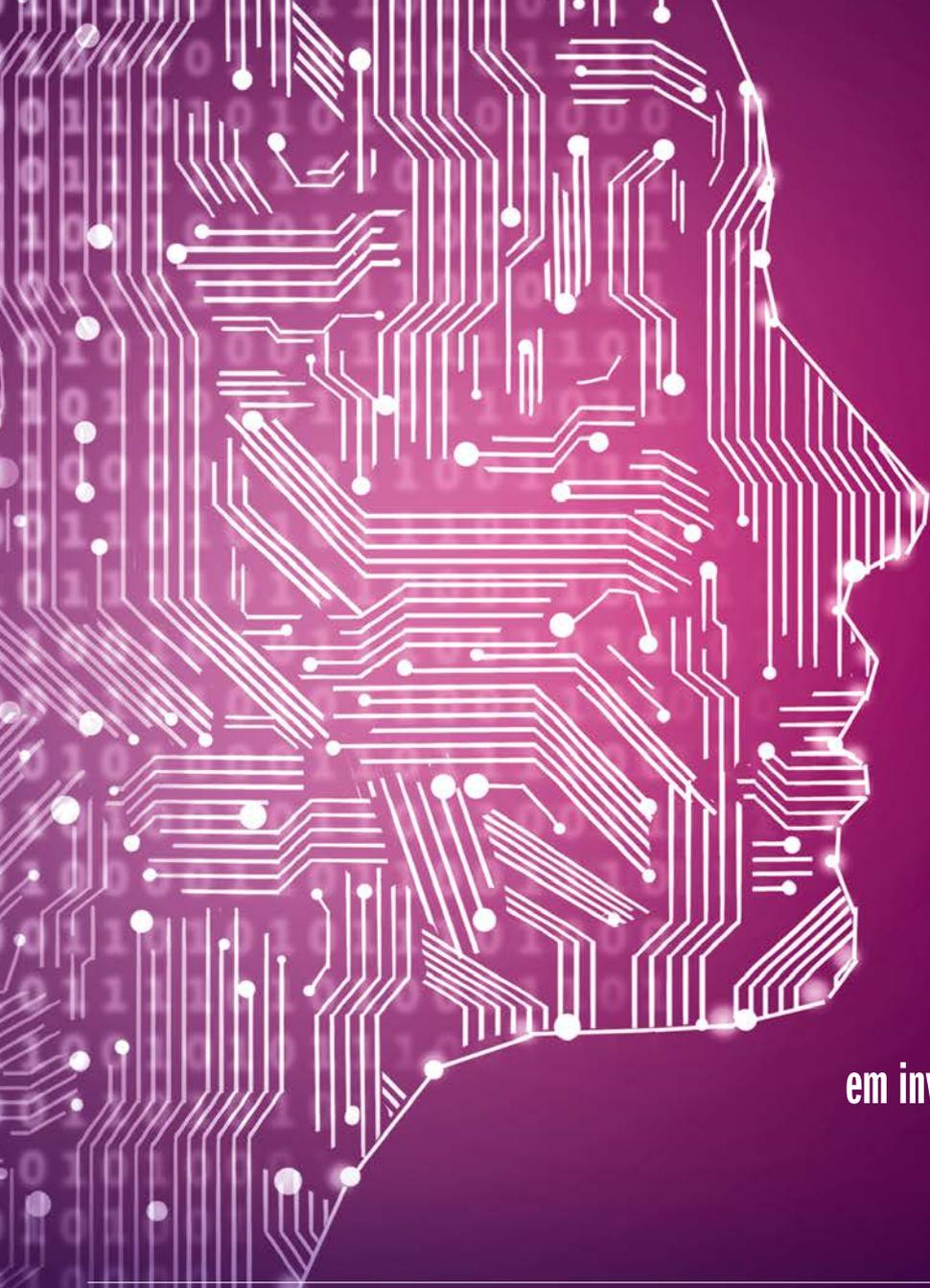


Macau 澳門



CHAVE PARA O FUTURO

Universidades locais apostam forte em investigação em **inteligência artificial**



INNO VALLEY HQ
BENÉFICO PARA
START-UPS DA RAEM

PATUÁ
GANHA NOVOS
ALUNOS EM LISBOA

FUNDAÇÃO RUI CUNHA:
DEZ ANOS A
PENSAR MACAU



VENTOS FAVORÁVEIS
PARA **VELA**
EM HÁC-SÁ



中國-葡語國家經貿 合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

葡語國家食品資料庫
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS ALIMENTARES
DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

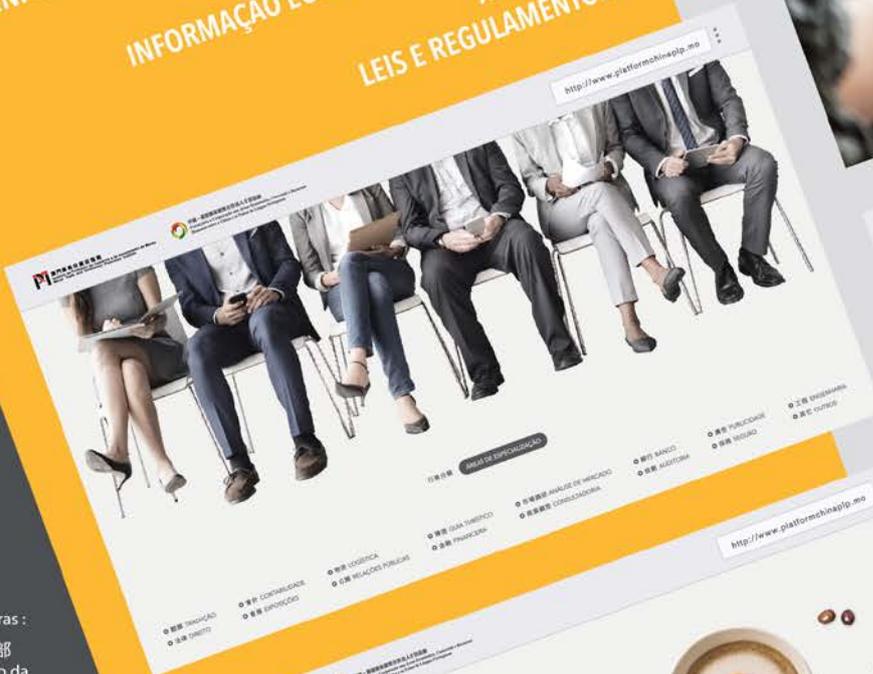
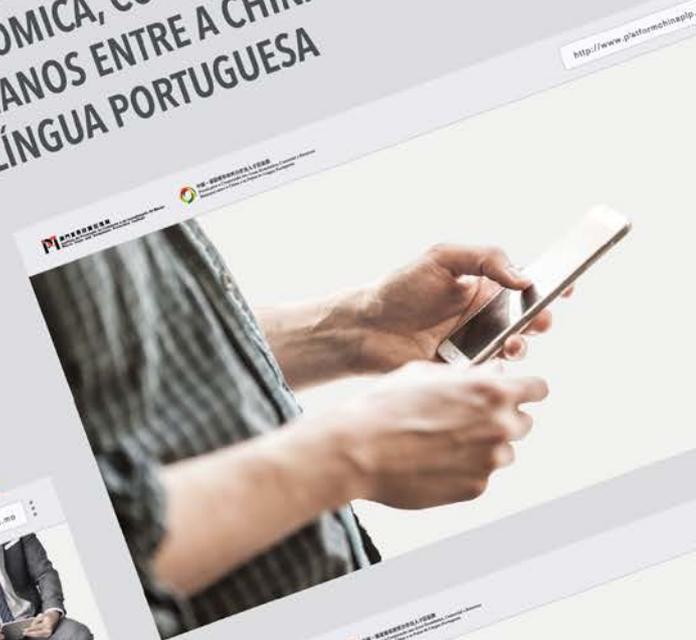
中葡雙語人才資料庫
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

專業服務供應商
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊
LEIS E REGULAMENTOS



主辦單位：
Entidades Organizadoras：

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da
República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e
Finanças da RAEM

承辦單位：
Entidade Coordenadora：



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macau Trade and Investment Promotion Institute



WWW.PLATFORMCHINAPL.MO

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:

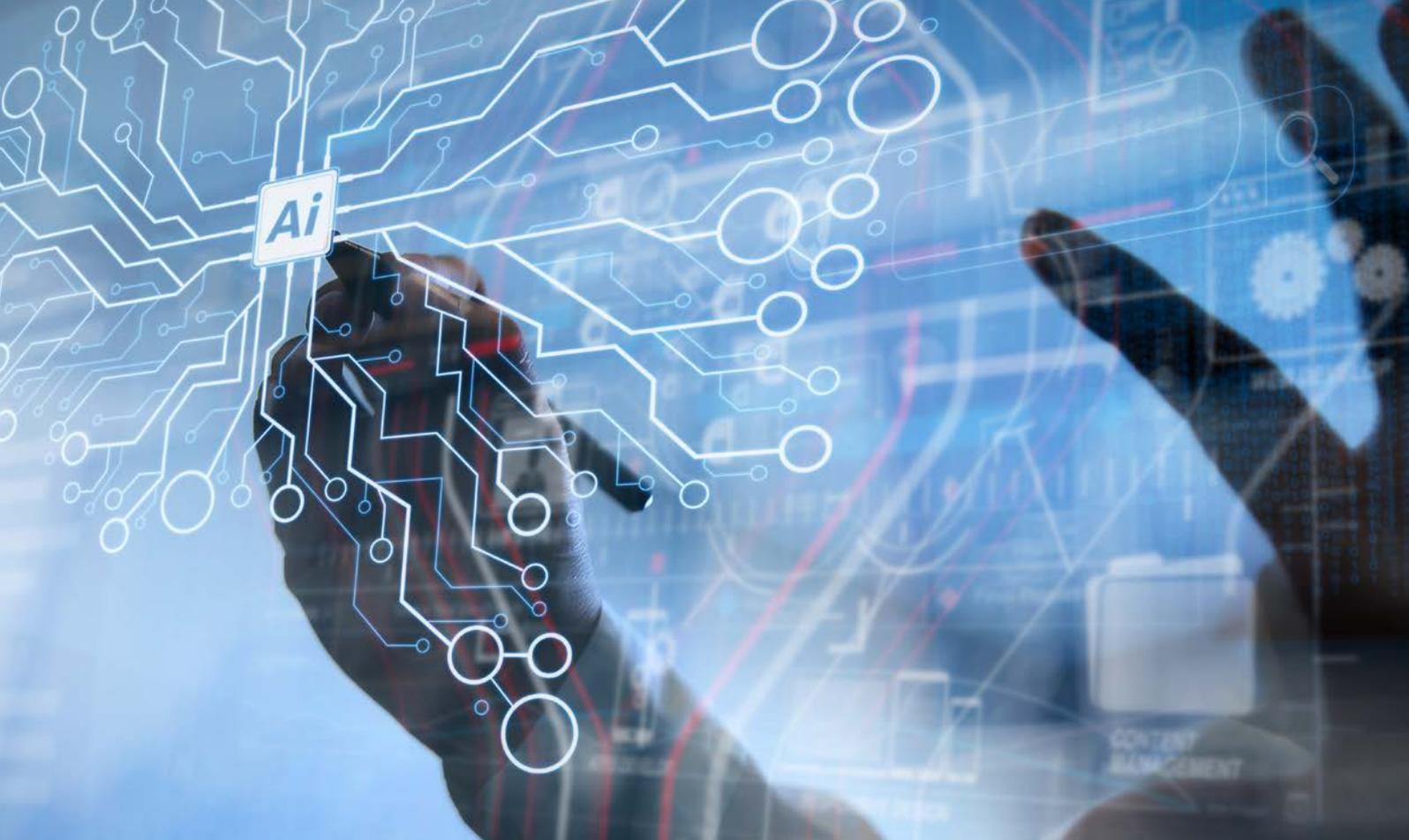


Website:



www.revistamacau.com.mo

Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: DESMISTIFICAR RISCOS, APOSTAR NA INOVAÇÃO ◀ 8

Investigação é chave para promover projectos inteligentes e apoiar desenvolvimento da RAEM



CENTROS ALEGRIA ELEVAM CONSCIENCIALIZAÇÃO AMBIENTAL ◀ 16

Rede de recolha de resíduos para reciclagem conta já com sete centros



INNO VALLEY HQ DÁ MÃO A START-UPS PARA ENTRADA NO INTERIOR DA CHINA ◀ 30

Parque de incubação de negócios em Hengqin já apoiou mais de 300 projectos da RAEM



ENTREVISTA

BANCA DE OLHOS POSTOS NO FUTURO ◀38

Sam Tou, vice-presidente da Associação de Bancos de Macau, discute inovação tecnológica nos serviços financeiros



Café de Timor-Leste à conquista do país do chá ◀44

Aromas e sabores timorenses ganham protagonismo no Interior da China

Patuá: De Macau para Lisboa ◀50

Capital portuguesa acolhe oficina dedicada a crioulo macaense



OUTROS TEMAS

20 ▶ NOVOS APOIOS PARA A ESTIMULAR A ECONOMIA

26 ▶ SABORES ÚNICOS SÃO IMAGEM DE MARCA DE LOJA DE SOBREMESAS MOK YI KEI



56 ▶ “928 CHALLENGE” PROMOVE EMPREENDEDORISMO SINO-LUSÓFONO

60 ▶ PORTUGUESES NA RAEM: COMUNIDADE QUE CRESCE COM MACAU

64 ▶ CICLO DE CONFERÊNCIAS TEDxSENADOSQUARE REGRESSA EM JULHO

70 ▶ FUNDAÇÃO RUI CUNHA GANHA RELEVO NO PANORAMA CÍVICO LOCAL

74 ▶ UM MAR DE DESPORTOS NÁUTICOS PARA DESCOBRIR EM HÁC-SÁ

+MACAU

+ 80

Paul Pun, o rosto da solidariedade



+ 84

Paladares de Chengdu por Yang Dengquan



+ 86

Roteiro





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Zheng Xincong (esq.) foi recebido por Ho Iat Seng (dir.) no início de Junho

Gabinete de Ligação com novo director

O Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem um novo director. Zheng Xincong iniciou funções em Maio, tendo desempenhado anteriormente o cargo de subdirector do organismo. O responsável substituiu Fu Ziyang, que liderava o Gabinete de Ligação desde Dezembro de 2018.

Durante um encontro em Junho com o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, o novo director sublinhou o empenho do Gabinete

de Ligação em repartir as preocupações do Governo da RAEM e juntos trabalharem em prol da população. Zheng Xincong frisou que os dois lados têm em curso uma boa cooperação, à qual deve ser dada continuidade.

Por seu lado, Ho Iat Seng garantiu que o Governo da RAEM irá manter uma comunicação estreita com o Gabinete de Ligação, para em conjunto salvaguardarem a prosperidade e estabilidade da RAEM, a longo prazo.

Lançado programa de abonos para estimular emprego

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau avançou em Junho com um plano que visa apoiar a contratação por parte de empresas locais de residentes desempregados.

O “Plano de abonos provisórios para o incentivo à contratação de residentes desempregados por empregadores durante o período da epidemia” está disponível para candidatura até ao final de Setembro. Ao empregador pode ser atribuído, de uma só vez, um abono de MOP19.968 por cada contratação adicional de trabalhador residente.

Os trabalhadores em causa têm de ser contratados até ao final de Agosto e encontrarem-se desempregados nos 60 dias anteriores. O empregador não pode reduzir o número de trabalhadores locais sob a sua alçada e deve manter a relação de trabalho com cada trabalhador adicionalmente contratado por, pelo menos, 12 meses.



© DIRETOS RESERVADOS

Governo prepara plano geral para transportes em Macau

Está em consulta pública até ao dia 22 de Julho um documento preparado pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau sobre o “Planeamento Geral do Trânsito e Transportes Terrestres de Macau

© CHEONG KAM KA



(2021-2030)”. O objectivo é estabelecer as principais políticas públicas para esta área para a próxima década.

Os planos apresentados como prioritários incluem o desenvolvimento do transporte por carril até 2028, altura em que a rede do Metro Ligeiro de Macau deverá ter uma extensão total de 24 quilómetros. É também proposto o aumento das vias pedonais, bem como a melhoria de diversos nós de trânsito.

Outro dos objectivos sugeridos no documento é assegurar que o crescimento anual do número de veículos motorizados em Macau se situa abaixo dos 3 por cento.

URBANISMO

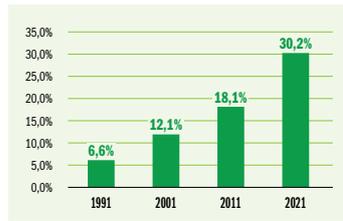
63.361

Participantes em cursos de formação profissional em 2021. O valor representa uma subida de 3,4 por cento face ao ano anterior.



NÚMERO

População mais qualificada



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ESTATÍSTICA E CENSO

PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO COM ENSINO SUPERIOR

Nota: Dados relativos a 1991 e 2001 referem-se à população com idade igual ou superior a 14 anos.

Na última década, as habilitações académicas gerais da população de Macau aumentaram significativamente. No ano passado, 30,2 por cento da população com idade igual ou superior a 15 anos tinha o ensino superior, face a 18,1 por cento em 2011.

GRÁFICO



“O Governo da RAEM irá otimizar ainda mais o ambiente de negócios de Macau”

LEI WAI NONG

SECRETÁRIO PARA A ECONOMIA E FINANÇAS

Resposta a interpelação oral da deputada Song Pek Kei

FRASE





Momento

SEGURANÇA NACIONAL EM EXPOSIÇÃO | O Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa recebeu, entre 15 de Abril e 15 de Maio, a edição de 2022 da “Exposição sobre a Educação da Segurança Nacional”. A mostra deste ano, co-organizada pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e o Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM, contou com mais de 58 mil visitantes, um novo recorde. ▲ FOTO © CHEONG KAM KA

INOVAÇÃO

Inteligência artificial: a grande aposta de Macau



Interdisciplinaridade, resolução de problemas e as oportunidades criadas por Hengqin e pela Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau são algumas das expressões-chave para o desenvolvimento da inteligência artificial na cidade. Desenvolver investigação, fomentar a inovação e contribuir para a formação de talentos locais são alguns dos objectivos do Governo. A Revista Macau foi saber mais sobre a investigação nesta área e que aplicação poderá ter no dia-a-dia

Texto | Tony Lai

A REGIÃO está empenhada em acelerar o desenvolvimento da estratégia “Macau Digital”, procurando integrar tecnologia inovadora em vários aspectos da vida quotidiana, para criar uma cidade inteligente. Por isso mesmo, a investigação na área da inteligência artificial (IA) é uma importante ferramenta para atingir os objectivos estabelecidos no 2.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da Região Administrativa Especial de Macau (2021-2025).

A IA refere-se à simulação da inteligência humana em máquinas programadas para pensar como humanos e replicar as nossas acções. O termo também pode ser aplicado a máquinas com características associadas à mente humana, como aprendizagem, raciocínio, processamento de linguagem e resolução de problemas.

Após décadas de avanços, a IA é usada não apenas em robots, supercomputadores ou servidores, mas também em tecnologias de reconhecimento facial, tradução e outras funções disponíveis em telemóveis e veículos autónomos. Um comboio que as instituições locais de ensino superior locais não querem perder, tendo nos últimos anos apostado em estudos e investigação neste campo, em busca de maneiras inovadoras de desenvolver a cidade.

A Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês) tem-se dedicado recentemente à IA, tanto na teoria como na prática. No aspecto teórico, Zhang Du, vice-reitor da Faculdade de Engenharia e Inovação e director da Escola de Ciências e Engenharia de Computadores da MUST, foi pioneiro no conceito STEP (sigla em inglês) de aprendizagem permanente para melhorar o desempenho da IA, com o “S” a representar estímulos de aprendizagem, “T” para tarefas, “E” de experiências e “P” relativo a indicadores de desempenho.

Apoiada neste conceito, a instituição local está agora a desenvolver um projecto de investigação a três anos, “Teorias e Metodologias de uma Inteligência



Investigadores da UM estão a usar um supercomputador para realizar experiências com diferentes algoritmos de IA

© CHEONG KAM KA

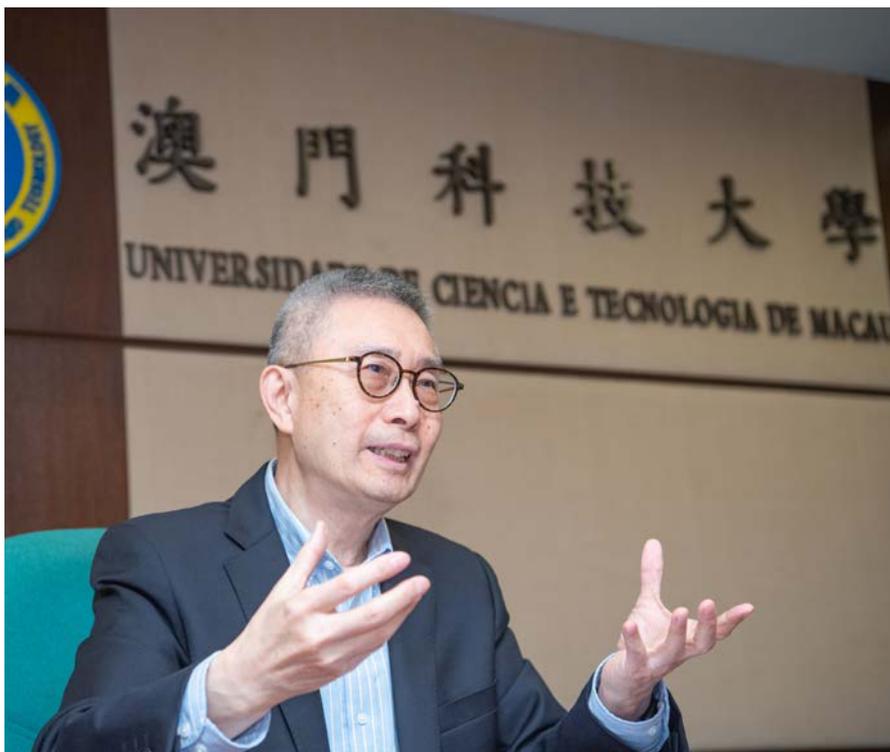
Colectiva baseada em Aprendizagem Permanente STEP”, com financiamento do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia de Macau. Com conclusão prevista para o final deste ano, o projecto aborda a cooperação e a aprendizagem em rede de vários módulos de IA, disse Zhang Du à Revista Macau. “Se um sistema não sabe como lidar com uma tarefa, pode perguntar e aprender com outros sistemas”, explica.

Abordagem a três níveis

Além de formar teorias, é também essencial aplicar os resultados da investigação em usos práticos no

dia-a-dia. A MUST adopta uma abordagem a três níveis para procurar parceiros e colaboradores na aplicação da sua pesquisa. “Trabalhamos com empresas e instituições em Macau, nos nossos vizinhos mais próximos, como Hengqin e Zhuhai, e na Região da Grande Baía [Guangdong-Hong Kong-Macau] e mais além”, diz Zhang Du. “A colaboração externa em IA é uma situação de benefício mútuo: podemos responder, com os nossos estudos, às necessidades dos nossos parceiros, enquanto desenvolvemos a nossa capacidade de pesquisa e a aplicamos à vida quotidiana.”

A robótica e as ciências médicas são algumas áreas-chave para a aplicação da pesquisa da MUST no



© CHEONG KAM KA

“ A colaboração externa em IA é uma situação de benefício mútuo

ZHANG DU
VICE-REITOR DA
FACULDADE DE
ENGENHARIA E
INOVAÇÃO DA MUST

campo da IA. Jiang Zhihong, vice-presidente da universidade e director do Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa, também na MUST, está a liderar um estudo a três anos – a ser concluído este ano – sobre o controlo multidimensional de qualidade, usando tecnologia de IA, de seis medicamentos chineses à base de ervas. Outros investigadores da MUST colaboraram na área da robótica médica com uma empresa de tecnologia médica em Hengqin – Zhuhai Heng Lok –, numa iniciativa que pode ajudar no tratamento do cancro do fígado. Outra equipa de pesquisa da instituição está a trabalhar com uma empresa de robótica local para criar robots de baixo custo para prestar cuidados em lares de idosos.

A MUST está ainda a trabalhar com a empresa de mobilidade inteligente Autocore Technology num projecto para desenvolver carros autónomos. “Assinámos um acordo de cooperação com a empresa no

ano passado para montar na nossa universidade um centro de pesquisa em condução autónoma”, refere Zhang Du. “Esperamos que o laboratório possa servir como plataforma para testar diferentes módulos de aprendizagem [para IA] e reunir os dados relevantes, pois um carro autónomo é composto por dezenas de módulos.”

IA para resolver problemas

Uma palavra que é frequentemente repetida em discussões sobre pesquisa em IA é “interdisciplinaridade”, a incorporação de conhecimento de vários outros campos numa actividade. Tal esforço é fundamental para o desenvolvimento da investigação em IA na Universidade de Macau (UM). A instituição fundou há três anos o Centro de Inteligência Artificial e Robótica (CAIR, na sigla em inglês) no âmbito do Instituto de Inovação Colaborativa, para servir como base para



Macau organiza anualmente uma competição de robótica para jovens aspirantes a engenheiros e estudantes universitários

© DIREITOS RESERVADOS

investigadores realizarem projectos de IA e robótica e como ponte entre a academia e a indústria.

“O nosso centro é uma plataforma para reunir investigadores e professores de disciplinas de engenharia e de outras disciplinas e obter um novo modelo de colaboração”, disse à Revista Macau Zhou Jiantao, professor associado e director interino do CAIR. “Esperamos facilitar o desenvolvimento interdisciplinar da UM (...), já que a própria IA é interdisciplinar.”

Como exemplo de quão diversificada é a procura por tecnologia IA, Zhou Jiantao refere um telefonema

que recebeu de “um professor de ciências sociais, cuja equipa está a realizar um estudo de opinião pública sobre as políticas governamentais e recolheu muitos dados das redes sociais”. “Perguntaram-me se posso recomendar alguma tecnologia de IA para os ajudar a analisar a enorme quantidade de dados recolhidos”, conta.

O académico da UM sublinha também que os estudos locais sobre IA devem ser orientados para resolver problemas. “Um problema comum para a academia é que muitas vezes a investigação não responde às necessidades do mercado”, diz Zhou Jiantao. “Assim, a

A equipa do professor Xu Qingsong (centro), do Departamento de Engenharia Electromecânica da UM, concebeu já vários tipos de robôs com recurso à IA



Formar talentos

A PESAR dos progressos alcançados, tanto os académicos da Universidade de Macau (UM) como da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês) dizem que a cidade ainda está a dar os primeiros passos no desenvolvimento de investigação e aplicação da inteligência artificial (IA).

“O ritmo de desenvolvimento acelerou nos últimos anos devido às mudanças no ambiente global, como a Zona de Cooperação Aprofundada [entre Guangdong e Macau em Hengqin] e as políticas de apoio das autoridades”, destaca Zhou Jiantao, professor associado e director interino do Centro de Inteligência Artificial e Robótica (CAIR, na sigla em inglês) da UM. “A Zona de Cooperação Aprofundada e a Região da Grande Baía oferecem melhores oportunidades para a aplicação da pesquisa em IA graças (...) a um maior mercado.”

O académico refere-se à inauguração da Zona de Cooperação Aprofundada, na vizinha Hengqin, em Setembro, que permite às administrações de

Macau e de Guangdong moldarem em conjunto o futuro da zona, para apoiar a diversificação da economia de Macau.

Zhou Jiantao sublinha também a importância de formar mais talentos neste campo: a UM pretende lançar um novo mestrado em IA em 2024. “Os talentos são o elo mais importante e crucial na pesquisa e desenvolvimento da IA”, salienta. “A nossa universidade espera formar mais profissionais nesta área para Macau e toda a Grande Baía.”

Uma ambição partilhada pela MUST, que quer lançar uma licenciatura em IA. “Comparado com outras coisas, como equipamento de ponta, o ambiente circundante, as infra-estruturas (...), o talento é um problema que não se resolve do dia para a noite”, diz Zhang Du, vice-reitor da Faculdade de Engenharia e Inovação e director da Escola de Ciências e Engenharia de Computadores da MUST. “Se Macau quer tornar-se uma sociedade totalmente digital, a qualidade dos seus talentos e da educação são da maior importância.” ▲



© CHEONG KAM KA

“A investigação local [em IA] tem que resolver os problemas decorrentes do desenvolvimento de Macau e da Grande Baía

ZHOU JIANTAO
DIRECTOR INTERINO
DO CENTRO DE
INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL E
ROBÓTICA DA UM

investigação local [em IA] tem que responder à procura do mercado, bem como resolver os problemas decorrentes do desenvolvimento de Macau e até mesmo do desenvolvimento da Grande Baía e mais além.”

Tendo em conta o desenvolvimento local e regional, o CAIR da UM identificou vários campos importantes para o desenvolvimento da IA: robótica, tais como robots de desinfecção e de condução autónoma; tradução de textos em língua portuguesa; entretenimento, como análise de vídeo e imagem; e ciências da saúde, incluindo o desenvolvimento da indústria da medicina tradicional chinesa em Macau.

A instituição tem vindo a realizar investigação em diversas áreas relacionadas com a IA. Por exemplo, Xu Qingsong, professor do Departamento de Engenharia Electromecânica da UM, desenvolveu um novo robot autónomo de desinfecção de ambientes fechados chamado “Smart Cleaner”, para ajudar a combater a pandemia da COVID-19. A equipa de

Xu Qingsong está também a desenvolver um robot industrial avançado com visão a três dimensões e capacidade de ajustar a sua força de acordo com as forças externas.

Segundo a instituição, o novo robot será “mais flexível e inteligente” do que os robots actualmente no mercado e será capaz de “realizar tarefas mais complicadas”, incluindo montar algumas partes de dispositivos, polir carros e fazer a manutenção de aeronaves.

Detectar imagens falsas

Xu Chengzhong, reitor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UM, lidera uma equipa do Laboratório de Referência do Estado de Internet das Coisas para a Cidade Inteligente que está a desenvolver o primeiro projecto em Macau para um autocarro autónomo. O autocarro está a ser testado no campus da UM e poderá em breve ser testado no Aeroporto Internacional de Hong Kong.



O primeiro projecto em Macau para um autocarro autónomo está a ser testado no campus da UM

© UNIVERSIDADE DE MACAU

Com o desenvolvimento da IA, o Laboratório de Processamento de Linguagem Natural e de Tradução Automática Chinês-Português da UM criou uma plataforma online de tradução chinês-português-inglês assistida por computador, a UM-CAT.

Zhou Jiantao, do CAIR, diz que a sua equipa também está a desenvolver algoritmos avançados para a detecção de imagens alteradas ou falsificadas. “A tecnologia está tão avançada hoje em dia que é fácil editar uma imagem e fazê-la parecer original a olho nu”, diz o investigador. É aí que a tecnologia da IA pode actuar, detectando os vestígios de edição deixados nas imagens. “O sistema que desenvolvemos pode determinar com precisão se uma imagem foi editada e qual

parte foi adulterada”, acrescenta.

Este projecto ganhou no ano passado um concurso internacional para programas de segurança com IA, superando mais de 1500 rivais de todo o mundo, e teve a oportunidade de cooperar com o gigante chinês de comércio electrónico Alibaba Group. Zhou Jiantao disse que o projecto de colaboração, durante um ano, com o Alibaba está quase concluído e que a empresa de comércio electrónico está agora a testar um sistema para detecção de alteração de imagens. “Também estamos em negociação com o Alibaba sobre outro novo projecto sobre detecção de alteração e falsificação de imagens, sem fins lucrativos, que o público possa usar no futuro”, acrescenta. ▲

RECICLAGEM

Alegria no apoio ao ambiente

A rede de Centros Ambientais Alegria, a cargo da Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental, está em rápida expansão. Nos últimos anos, foram inauguradas várias unidades por toda a cidade, bem como ampliado o tipo de serviços oferecidos – tudo em prol da consciencialização ambiental em Macau



Os Centros Ambientais Alegria promovem a recolha comunitária de diferentes tipos de resíduos para reciclagem

Texto | Cherry Chan

É UMA tarde solarenga de domingo e os utilizadores do Centro Ambiental Alegria da Rua da Ponte Negra, na Taipa, sucedem-se. Trazem resmas de papel, embalagens de plástico, garrafas de vidro e até pequenos electrodomésticos estragados. São entregues aos funcionários do centro, que asseguram que todos os materiais são devidamente separados, para serem enviados para reciclagem.

A rede de Centros Ambientais Alegria foi lançada em Novembro de 2018 pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), visando promover a recolha comunitária de diferentes tipos de resíduos. Hoje, são sete as unidades existentes, espalhadas pela península de Macau, Taipa e Coloane, as quais apenas encerram à segunda-feira, estando de portas abertas durante fins-de-semana e feriados.

O ponto mais recente da rede foi inaugurado em Abril no Edifício Mong Tak, complexo de habitação social localizado em Mong-Há. No local, foram instaladas as primeiras máquinas inteligentes de Macau de recolha de resíduos alimentares domésticos, acessíveis numa zona de reciclagem aberta 24 horas por dia.

Segundo a DSPA, “desde a sua entrada em funcionamento, os vários Centros Ambientais Alegria têm tido boa aceitação do público e são muito populares entre os



O centro mais recente da rede – o sétimo – foi inaugurado em Abril em Mong-Há

moradores”. De acordo com o organismo, estas unidades oferecem aos cidadãos “uma via mais conveniente e cómoda” de procederem à entrega de diferentes tipos de resíduos para reciclagem, complementando outros esquemas já existentes, como os postos itinerantes de recolha e as parcerias com organizações locais para que também recebam resíduos recicláveis.

A lista de tipos de artigos que podem ser entregues nos Centros Ambientais Alegria é extensa. Além de papel, plástico, metais e vidro, são também aceites resíduos alimentares domésticos, equipamentos eléctricos e electrónicos, lâmpadas, pilhas e outro tipo de baterias. São ainda recolhidos vestuário e caixas de ovos, ambos para serem reutilizados. No caso da roupa, os centros contam com a cooperação de instituições sem fins lucrativos,

Onde encontrar um Centro Ambiental Alegria?

Ilha Verde

Toi San

Iao Hon

Praia do Manduco

Mong-Há

Rua da Ponte Negra (Taipa)

Seac Pai Van (Coloane)

nomeadamente a Associação Exército de Salvação (Macau), a Associação de Reabilitação Fu Hong e a Cáritas de Macau, as quais têm a seu cargo a selecção e tratamento dos artigos de vestuário usados.

“Os Centros Ambientais Alegria também se tornaram numa base de educação ambiental das comunidades, cativando a visita de muitas escolas, organismos e associações”, refere a DSPA. Na primeira metade do ano, os centros receberam mais de 80 pedidos de marcação de visita para efeitos pedagógicos, envolvendo cerca de 2000 participantes. Durante essas visitas, são disponibilizados workshops e outras acções de educação ambiental, refere o organismo.

Papel positivo

Ginger Kong, presidente da Macau Free Cycle Association, grupo ligado à protecção ambiental, elogia o papel positivo da rede de Centros Ambientais Alegria. “São um espaço para os cidadãos compreenderem o que podemos fazer para

ter um planeta saudável”, diz. “Há muitas informações que os visitantes podem consultar.”

A activista refere que os centros reflectem uma tendência de maior consciencialização ambiental entre a população local. Ginger Kong reconhece que a DSPA tem vindo a ampliar os esforços no campo da promoção da reciclagem e educação ambiental, com resultados satisfatórios.

A dirigente associativa sublinha, porém, que “Reciclar” é a última etapa dos denominados “Seis Rs da Sustentabilidade” no que toca ao consumo de recursos. Antes, há que “Repensar”, “Recusar”, “Reduzir”, “Reutilizar” e “Reparar”. Ginger Kong afirma que, “embora a reciclagem seja um meio para proteger o ambiente, normalmente a população não compreende o que vai acontecer depois com os materiais enviados para reciclagem”.

A activista enfatiza a

importância de promover a redução da produção de resíduos na fonte, ideia que encontra eco nas políticas governamentais. “A prioridade deve ser ‘reduzir’ e ‘recusar’”, explica. “A ideia de comprarmos tudo o que queremos, só porque depois vamos reciclar esses artigos ou dá-los a outros quando já não os quisermos ou gostarmos deles, não é uma acção razoável de protecção ambiental”, afirma Ginger Kong.

Mudar de vida

Outra activista ambiental local, Capricorn Leong, também elogia os esforços governamentais na área da promoção ambiental. “Foi uma agradável surpresa que o Governo tenha proibido o uso de caixas descartáveis de esferovite para comida, bem como de palhinhas e agitadores de bebidas descartáveis de plástico

23,5%

Taxa de recolha de resíduos recicláveis registada em Macau em 2021, a mais elevada da última década



Os Centros Ambientais Alegria são também bases de educação ambiental

Quantidade de resíduos electrónicos recolhidos pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental

	2020	2021	Variação anual
Pilhas e baterias usadas (kg)	47.247	41.757	-11,6%
Lâmpadas fluorescentes/lâmpadas (kg)	14.944	21.755	+45,6%
Equipamentos electrónicos e eléctricos (ton.)	1.443	1.957	+35,6%

FONTE: "RELATÓRIO DO ESTADO DO AMBIENTE DE MACAU 2021", DSPA

Quantidade de resíduos recicláveis recolhidos pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental e Instituto para os Assuntos Municipais

(Unidade: kg)	2020	2021	Variação anual
Papel	1.482.198	2.467.169	+66,5%
Plástico	125.666	300.218	+138,9%
Metal	113.121	201.362	+78,0%
Vidro	873.837	1.050.396	+20,2%
Resíduos alimentares	413.972	476.042	+15,0%
Latas de alumínio/ferro (unidade: lata)	989.555	1.084.659	+9,6%

FONTE: "RELATÓRIO DO ESTADO DO AMBIENTE DE MACAU 2021", DSPA

não-biodegradável, num período relativamente curto”, diz a ambientalista, em referência a medidas que entraram em vigor em 2021 e no início deste ano, respectivamente.

Capricorn Leong considera que a consciencialização ambiental entre o público de Macau subiu após os efeitos da passagem do tufão Hato pelo território em 2017. “Cada vez mais, as pessoas estão conscientes da importância da protecção ambiental, bem como do impacto de desastres naturais causados pelas alterações climáticas, pelo que começam a mudar de estilo de vida”, diz a activista.

Os dados constantes no “Relatório do Estado do Ambiente de Macau 2021”, produzido pela DSPA, comprovam um aumento da reciclagem no território. No ano passado, Macau registou uma taxa de recolha de resíduos recicláveis de 23,5 por cento, a mais elevada dos últimos dez anos.

Capricorn Leong tem acompanhado de perto essa tendência, através do seu activismo. Ajudou a lançar um programa de recolha de resíduos no território, com o objectivo de ensinar à população como separar devidamente diferentes tipos de plástico,

papel e outros materiais, de forma a facilitar a sua reciclagem. Esteve também envolvida na comercialização de produtos ecológicos reutilizáveis, como sacos para armazenamento de alimentos e copos de café.

É no âmbito de uma crescente consciencialização ambiental que a activista enquadra o papel dos Centros Ambientais Alegria. “Mais centros foram lançados de uma forma natural, o que significa que o Governo dá cada vez mais atenção a esta área, e que mais pessoas estão envolvidas em esforços de protecção do ambiente”, destaca. ◀



A nova ronda de apoio económico aos residentes
decorre até 28 de Fevereiro do próximo ano

© CHEUNG KAM YIA

PLANO DE BENEFÍCIOS DE CONSUMO

Nova ronda de apoios para estimular a economia

O Governo lançou uma nova ronda de medidas para estimular o consumo e apoiar a recuperação económica, com o objectivo de atenuar o impacto da COVID-19 na comunidade local

Texto | Tiago Azevedo

DEPOIS de medidas de apoio às pequenas e médias empresas no final do ano passado, o Governo de Macau lançou em Junho a terceira ronda do plano de benefícios de consumo por meio electrónico, focado no apoio aos residentes de Macau. O plano, salienta o Governo, é provisório e procura “dinamizar a procura interna e atenuar a pressão económica dos residentes e comerciantes na luta” contra a pandemia da COVID-19.

A nova ronda de apoios foi anunciada em Abril e o Governo prevê investir cerca de 5,9 mil milhões de patacas na implementação do plano. O pacote inclui a atribuição de 8000 patacas – 5000 patacas como montante inicial e 3000 patacas em descontos imediatos – a cada titular de bilhete de identidade de residente da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Angus Chu, que lidera o Departamento de Economia da Universidade de Macau, considera que o Governo deu o passo certo face aos desafios trazidos pela pandemia. “Dadas as abundantes reservas fiscais, o Governo adoptou a política correcta ao anunciar mais uma ronda de apoio aos consumidores, a fim de atenuar o impacto negativo sentido pelos residentes”, afirma em entrevista à Revista Macau.

Electricidade e água subsidiadas

AMAIS recente ronda do plano de apoio económico abrange também a “subvenção do pagamento de tarifas de água e de energia eléctrica”, uma medida destinada a unidades habitacionais, empresas e estabelecimentos comerciais.

De acordo com o Governo, cerca de 230 mil unidades habitacionais deverão ser abrangidas pela medida, bem como mais de 30 mil unidades não habitacionais. Os subsídios deverão custar cerca de 1,326 mil milhões de patacas aos cofres do Governo.

No âmbito do apoio às unidades habitacionais, a subvenção do pagamento de tarifas de água garante, a cada unidade habitacional, um subsídio mensal no valor máximo de 100 patacas, para pagamento das facturas referentes aos meses de Julho a Dezembro do corrente ano. Já o apoio ao pagamento de tarifas de energia eléctrica garante um subsídio mensal no valor máximo de 300 patacas, para facturas referentes aos meses de Junho a Novembro de 2022.

No que concerne aos apoios destinados a empresas e estabelecimentos comerciais, a subvenção do pagamento de tarifas de água garante, a cada unidade, um subsídio mensal no valor máximo de 500 patacas, para facturas referentes aos meses de Julho a Dezembro deste ano, enquanto o apoio para pagamento de energia eléctrica garante um subsídio mensal no valor máximo de 3000 patacas, para facturas referentes aos meses de Junho a Novembro.

Os períodos de subvenção e utilização destes apoios são de seis meses e 12 meses, respectivamente. O montante do subsídio que não tenha sido descontado dentro do período de subvenção pode ser acumulado e continuar a ser descontado durante o período de utilização, de acordo com o Governo. ▲

O académico realça que, devido à queda no número de turistas em Macau, era “inevitável” que a economia enfrentasse alguns obstáculos, dado o papel preponderante do sector do turismo na RAEM.

Angus Chu salienta que a nova ronda de apoios será importante para estimular o consumo e a economia local. O valor a atribuir a cada residente, no montante global

de 8000 patacas, “deve impulsionar o consumo local e criar um efeito multiplicador que irá ajudar a dinamizar a economia”, acrescenta.

Tal como na ronda anterior do plano, os beneficiários podem optar por utilizar a verba de apoio através de meios de pagamento móvel – utilizando para tal a respectiva plataforma digital de uma de oito instituições financeiras

locais – ou mediante um cartão de consumo emitido pelo Governo. O prazo de inscrição na actual ronda decorre até 13 de Janeiro de 2023, com o montante a poder ser disponibilizado até 17 de Janeiro do próximo ano.

O prazo de utilização dos benefícios foi agora estendido para nove meses, até 28 de Fevereiro do próximo ano, um aumento de dois meses em relação à ronda anterior de apoios. Os prazos e o âmbito de utilização dos benefícios “foram otimizados” após “ouvidas as opiniões da sociedade”, de acordo com um comunicado conjunto da Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico (DSED) e da Autoridade Monetária de Macau.

O limite máximo diário de utilização do montante inicial é de 300 patacas. Já o limite máximo diário do montante para desconto imediato é de 100 patacas, sendo o montante inicial utilizado simultaneamente com o montante para desconto, de acordo com o plano anunciado pelo Governo. Ou seja, caso o beneficiário tenha saldo positivo no montante inicial, pode adquirir, gratuita e diariamente, mercadorias ou serviços no valor máximo de 400 patacas.

Maior fiscalização, mais divulgação

PARA garantir que a implementação da terceira ronda do plano de benefícios de consumo por meio electrónico decorre sem sobressaltos, o Governo apostou no reforço da fiscalização, sensibilizando os estabelecimentos comerciais a cumprirem as regras do plano e manterem os preços estáveis. Para tal, representantes da Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico (DSED) e do Conselho de Consumidores deslocaram-se a vários bairros para explicar aos comerciantes os detalhes do plano, antes do respectivo lançamento.

Por outro lado, com o objectivo de dar a conhecer aos residentes e comerciantes as novas medidas de apoio económico, a DSED e a Autoridade Monetária de Macau realizaram várias actividades de divulgação em diversos bairros. A sensibilização foi também reforçada através de vários canais, incluindo a criação de uma página temática: www.dsedt.gov.mo/econsumo/pt/.

Continua também a ser disponibilizada a plataforma “Consumidor Online”, acessível através da leitura do respectivo código QR ou do portal electrónico: <https://app.consumer.gov.mo/wapp/cconline?lang=pt>. ▲

Plano mais abrangente

Segundo o director da DSED, Tai Kin Ip, na segunda ronda do plano de consumo, no ano passado, os residentes usufruíram de um valor total



O prazo de inscrição na actual ronda de apoios decorre até Janeiro de 2023

© DIREITOS RESERVADOS

de 5,2 mil milhões de patacas, com o plano de estímulo a contribuir para injectar cerca de 8,26 mil milhões de patacas nos vários sectores da economia de Macau, segundo estimativas do Governo da RAEM.

O âmbito de utilização dos benefícios foi alargado nesta terceira ronda, sendo permitido o pagamento de despesas relacionadas com serviços de fornecimento de água, electricidade, gás natural, combustíveis, telecomunicações e

radiodifusão televisiva e sonora. A intenção, realça o Governo, passa por “possibilitar que os residentes possam decidir e escolher, de forma autónoma e conforme as suas necessidades, a aplicação adequada” dos benefícios atribuídos, “incluindo o pagamento dos encargos com as despesas relacionadas com a vida quotidiana”.

Angus Chu diz que é importante que esta nova ronda do plano de consumo seja mais abrangente no

que toca à sua aplicação. “Dado que a pandemia tem tido um impacto negativo em vários sectores da economia, a extensão da utilização dos benefícios a outras áreas permite maximizar a eficácia das medidas de apoio aos residentes”, sublinha.

No entender do académico, a medida poderá também contribuir para “minimizar o desemprego” e apoiar as empresas locais, garantindo o “tempo necessário” para a economia navegar pelo período

5,9 mil milhões de patacas

Montante que o Governo prevê investir na terceira ronda do plano de benefícios de consumo por meio electrónico

mais conturbado causado pela COVID-19, enquanto se espera pela “recuperação económica assim que a pandemia terminar”.

Melinda Chan Mei Yi, vice-presidente executiva da Associação

Comercial Federal Geral das Pequenas e Médias Empresas de Macau, diz que a nova ronda de medidas de apoio vai ajudar a população e as pequenas e médias empresas (PME) de Macau, “na medida em

que suporta o poder de compra das pessoas”. De acordo com a dirigente associativa, várias empresas locais – como estabelecimentos de restauração e supermercados – irão beneficiar do pacote anunciado pelo Governo.

“Em geral, estas medidas de apoio são uma ajuda a curto prazo. Mas, a longo prazo, devem ser lançadas mais medidas destinadas a encorajar o consumo e a ajudar a recuperar a confiança junto dos consumidores”, sublinha Melinda Chan, em comentários à Revista Macau.



Representantes do Governo visitaram em Maio vários estabelecimentos comerciais para explicar os detalhes do novo plano de consumo



Os beneficiários podem optar pelo pagamento móvel ou pelo cartão de consumo

© CHEONG KAM KA

8000 patacas

Valor a ser atribuído pelo Governo a cada titular de bilhete de identidade de residente de Macau

A responsável diz que há um sentimento entre as PME locais de que a vontade dos residentes em despende dinheiro “tem vindo a diminuir”, sendo necessário estabelecer uma “d direcção clara para retomar de forma segura” o fluxo de turistas entre Macau, o Interior da China e Hong Kong, com o objectivo de estimular a recuperação económica.

Por outro lado, acrescenta Melinda Chan, é “necessário

implementar uma política concreta” no que diz respeito ao desenvolvimento da cidade e à transição para um novo modelo económico, nomeadamente no que toca aos sectores da tecnologia, medicina tradicional chinesa, turismo e finanças modernas, que poderão ganhar novo dinamismo com o desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. ▲



Situada na Vila da Taipa, a Mok Yi Kei é um dos pontos de referência no que toca a iguarias locais

© CHEONG KAM KA

SABORES DE MACAU

Tradição e inovação no percurso da Mok Yi Kei

São mais de 80 anos de história, com altos e baixos, mas sempre com a mesma dedicação: a de criar sabores únicos com receitas tradicionais. Com origens modestas numa banca de produtos alimentares, a Mok Yi Kei cresceu e é hoje uma marca de referência na Vila da Taipa, oferecendo algumas das mais afamadas iguarias locais

Texto | Tony Lai

SÃO várias as memórias que as pessoas têm da Mok Yi Kei: há quem recorde os primeiros tempos do espaço, enquanto banca de venda de produtos alimentares; há quem se lembre de por lá passar em criança, nos passeios de fim-de-semana, para comer gelatina de ágar-ágar ou beber sumos depois de andar de bicicleta; outros recordam as multidões de turistas que se deliciavam com o gelado de durião.

Passados 80 anos nas mãos de várias gerações, o espaço é hoje uma das lojas mais afamadas da Vila da Taipa. Liang Kui Zhi, que assume a gerência, diz que a história da Mok Yi Kei é feita de muitas alegrias, mas também de imensas lágrimas. “O que eu mais quero agora é dar continuidade ao legado passado pelos meus sogros”, conta a responsável, agora com 63 anos.

Situada na Rua do Cunha, um dos pontos de referência para residentes e visitantes no que toca a iguarias locais, a espaçosa Mok Yi Kei (também conhecida como Mok Yee Kei) desempenha um papel fundamental no esforço de promoção da Vila da Taipa como um destino turístico. E são vários os produtos que fazem as delícias de quem visita a loja de letreiros brilhantes: as gelatinas de ágar-ágar (feitas a partir de algas marinhas) com vários sabores, os gelados de



A gelatina de ágar-ágar é um dos produtos que tem mais saída na loja

© CHEONG KAM KA

durião, a serradura e as sopas doces tradicionais chinesas, como o sagu de manga e pomelo.

Todas as iguarias da Mok Yi Kei são preparadas diariamente por Liang e pelos outros funcionários. A sua qualidade é reconhecida internacionalmente, tendo-lhes valido, desde 2016, uma menção anual no conceituado Guia Michelin.

“Eu ousaria dizer que não se consegue provar em nenhum outro lugar em Macau e Hong Kong uma gelatina de ágar-ágar como a nossa, que é suave, aveludada e refrescantemente doce”, defende Liang.

A loja expandiu com o passar dos anos e cresceu até mais do que

os sogros de Liang alguma vez esperaram. Fundada em 1938, a Mok Yi Kei era originalmente uma banca de venda de produtos alimentares, localizada nas proximidades do cruzamento entre a actual Rua do Cunha e a Rua do Regedor, tais como muitas outras bancas de vendilhões.

A loja, baptizada com o nome do sogro de Liang, Mok Yi, conheceu outras localizações à medida que a zona se foi desenvolvendo, antes de assentar no centro da Vila da Taipa, há mais de duas décadas. “O meu sogro contou-nos que [o negócio e a vida deles] foram difíceis no início. Eles eram tão pobres que

até tiveram que usar cartão como combustível para fazer as gelatinas de ágar-ágar”, realça Liang.

Constante evolução

A vida de Liang, que migrou do Interior da China para Macau, cruzou-se com a Mok Yi Kei quando trabalhou

como funcionária a tempo parcial na loja. “Eu já tinha trabalhado em muitos outros locais em Macau para ganhar dinheiro suficiente para sustentar [os meus três irmãos mais novos]”, conta a agora gerente. Mas o gosto pelo trabalho na Mok Yi Kei fez com que criasse raízes e o seu empenho e a sua resiliência ganharam

a aprovação dos fundadores da loja, que se tornaram seus sogros.

Depois de cinco anos a trabalhar na Mok Yi Kei, Liang casou-se com Mok Pem Kuen, um dos filhos de Mok Yi. “Aprendi os segredos do negócio, como fazer a gelatina de ágar-ágar e outras iguarias, observando e seguindo o que os meus sogros faziam”, afirma. “Eles sempre foram muito dedicados à família e ao negócio e foi com eles que aprendemos tudo sobre a operação da Mok Yi Kei.”

Liang e o seu marido assumiram o dia-a-dia da Mok Yi Kei há mais de 20 anos. À frente da operação, Liang tem-se dedicado a aprimorar



“ Eu ousaria dizer que não se consegue provar em nenhum outro lugar em Macau e Hong Kong uma gelatina de ágar-ágar como a nossa

LIANG KUI ZHI
GERENTE DA MOK YI KEI

e modernizar as receitas. Por exemplo, enquanto a receita original da famosa serradura usa apenas um tipo de biscoito, Liang tem experimentado uma mistura de biscoitos para realçar o sabor e a textura da sobremesa. “As receitas dos nossos produtos eram muito simples. No passado, não existia tanta riqueza, então qualquer iguaria ou sobremesa tinha um gosto bom”, explica. Mas hoje a procura é diferente e mais exigente, obrigando a Mok Yi Kei a inovar nas suas receitas de forma a atrair mais clientes.

A loja actualiza regularmente a oferta e o menu, em resposta às mudanças no mercado. Quando o negócio foi entregue a Lian, a Mok Yi Kei ainda tinha à venda outros produtos tradicionais, como as bolas de peixe e o macarrão com salchichas, pois os principais clientes eram os moradores do bairro e os estudantes das escolas adjacentes. No entanto, com o desenvolvimento da economia, impulsionado pelo sector do turismo nas últimas duas décadas, a loja começou a atrair mais turistas, particularmente depois da abertura de novos empreendimentos no Cotai. “Com esta evolução, tivemos que dedicar o nosso tempo e recursos à criação de produtos que são procurados pelos nossos principais clientes”, explica a gerente.

Família alargada

Estimulada pela expansão do turismo, a Mok Yi Kei conseguia vender



Fundada em 1938, a Mok Yi Kei era originalmente uma mercearia modesta

© DIREITOS RESERVADOS

milhares de gelatinas e gelados diariamente antes da pandemia da COVID-19. “Eu só dormia três a quatro horas por dia, ou passava mesmo alguns dias sem dormir, quando o negócio estava a prosperar, quando o turismo local começou a crescer e enquanto ainda não havia muita oferta deste tipo de iguarias nesta zona”, recorda Liang. Mas a crise de saúde pública transformou completamente o cenário empresarial local, com o volume de vendas a cair devido à quebra no número de turistas na cidade.

“Perdemos vários milhões [de patacas] no início da pandemia. O negócio melhorou no ano passado, mas continua com altos e baixos devido à volatilidade da pandemia na cidade e na região”, diz Liang. Mas não há obstáculo que não possa ser ultrapassado, refere, acrescentando que a Mok Yi Kei planeia criar novos produtos e diversificar

a oferta, na esperança de atrair mais clientes.

Desde que assumiu a responsabilidade pelo negócio, Liang reconhece que existe uma grande pressão, especialmente no sentido de não decepcionar os sogros. “O meu marido tem outros irmãos e não é o mais velho, mas os meus sogros passaram esta loja para nós”, sublinha.

No entanto, Liang não se arrepende de ter ficado com as rédeas da Mok Yi Kei. “Não sei porquê, mas tenho sido assim a vida toda: quando algo me é entregue ou me pedem para fazer algo, tento sempre dar o melhor que posso”, sublinha. “Nós não temos filhos, portanto, até uma certa medida, considero os clientes como parte da nossa família – mantive contacto e tornei-me amiga de muitos deles. Fico feliz quando eles estão satisfeitos com os produtos que oferecemos.” ▲

EMPREENDEDORISMO

Inovar em Hengqin para



diversificar em Macau



O Vale de Criação de Negócios para os Jovens de Macau em Hengqin foi criado em 2015

O Vale de Criação de Negócios para os Jovens de Macau em Hengqin – também denominado de Inno Valley HQ – é um dos principais projectos de cooperação na área do empreendedorismo entre Macau e Guangdong. O parque de incubação de negócios pretende contribuir para a diversificação económica de Macau e para a integração do território no desenvolvimento nacional

Texto | Viviana Chan

A O LONGO dos últimos sete anos, o Vale de Criação de Negócios para os Jovens de Macau em Hengqin – também conhecido como Inno Valley HQ e localizado na vizinha ilha de Hengqin, no município de Zhuhai – já apoiou mais de 300 projectos apresentados por empreendedores de Macau. A iniciativa, ao estilo de um centro de incubação de negócios em larga escala, ganhou peso reforçado a partir de 2019, com a sua inclusão nas “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”. O documento, a cargo do Comité Central do Partido Comunista Chinês e do Conselho de Estado, identifica o Inno Valley HQ como um dos projectos “importantes” de cooperação no seio da Grande Baía, cujo desenvolvimento deve ser acelerado.

Estabelecido em Junho de 2015, o Inno Valley HQ apoiou, até final de este ano, um total de 787 projectos, ligados a empreendedores de Macau, Hong Kong e do

Interior da China, de acordo com dados fornecidos pela Zhuhai Da Heng Qin Development Co. Ltd., empresa pública da cidade vizinha responsável pela gestão do parque. A maioria dos projectos apoiados eram referentes a start-ups.

O parque forneceu serviços de suporte a um total de 113 empresas classificadas como de “alta tecnologia”, tendo sido apoiadas 13 empresas “unicórnio” – isto é, start-ups com um valor potencial de mercado estimado em mais de mil milhões de dólares americanos. Ao longo dos últimos sete anos, foi disponibilizado financiamento a 47 empresas, num total de 1,56 mil milhões de renminbis.

Prioridade para Macau

O peso de Macau na actividade do Inno Valley HQ é óbvio. Dos projectos apoiados até Fevereiro, quase metade – um total de 344 – estava ligada ao território. Além disso, o parque, que é composto por diversos edifícios com diferentes valências, acolhe também o Instituto de Investigação em Ciência e Tecnologia da Universidade de Macau em Zhuhai e uma unidade com

características similares da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau.

Liang Ying, directora-geral da Zhuhai Da Heng Qin Development, diz que a promulgação do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin” pelo Governo Central, em Setembro do ano passado, abriu possibilidades adicionais para o parque de incubação de negócios.

“O Inno Valley HQ está a agarrar as grandes oportunidades geradas pelo desenvolvimento da Grande Baía e pela construção da Zona de Cooperação Aprofundada”, refere a responsável. Segundo acrescenta em entrevista à Revista Macau, o parque de incubação de negócios conseguiu, desde o seu estabelecimento, “obter sucesso em vários aspectos, incluindo na concentração de talentos, promoção de projectos associando tecnologia e finanças, incubação de novas indústrias, inovação tecnológica e contribuição fiscal”. Neste último campo, só em 2021, as empresas com operações no Inno Valley HQ geraram uma receita fiscal avaliada em 1,7 mil milhões de renminbis a favor das autoridades de Hengqin.





“ O Inno Valley HQ está a agarrar as grandes oportunidades geradas pelo desenvolvimento da Grande Baía e pela construção da Zona de Cooperação Aprofundada

LIANG YING
DIRECTORA-GERAL DA ZHUHAI DA
HENG QIN DEVELOPMENT, RESPONSÁVEL
PELA GESTÃO DO INNO VALLEY HQ

Existem actualmente 316 empresas com operações no Inno Valley HQ. No portefólio do parque de incubação empresarial, incluem-se nove projectos de Macau ligados à medicina tradicional chinesa.

Liang Ying diz que o Inno Valley HQ conta já com várias “estrelas” entre as empresas apoiadas. Tal inclui o grupo de tecnologias da informação e inteligência artificial Pachira Information Technology, com sede em Pequim e fundado por empresários de Macau. O grupo abriu uma subsidiária em Hengqin e tem em curso vários projectos em parceria com entidades de Macau, incluindo com a Universidade de Macau.

Entre outros casos de sucesso empresarial a partir do Inno Valley HQ, destacam-se o grupo Bringbuys, também a operar no campo das tecnologias da informação, bem como uma subsidiária da norte-americana ImStem Biotechnology, ligada ao desenvolvimento de terapias com células estaminais. A empresa de biotecnologia Digifluidic Biotech, start-up fundada por um aluno de doutoramento da Universidade de Macau, também se inclui no lote de experiências bem-sucedidas.

O Inno Valley HQ foi igualmente a base escolhida para a sociedade de advogados ZLF Law Office,





© DIREITOS RESERVADOS

A sociedade de advogados ZLF Law Office, a primeira “joint venture” de serviços de apoio legal no seio da Grande Baía, está sediada no Inno Valley HQ



Hengqin oferece condições para lançar experiências empresariais em formato ‘low-cost’

GLORIA CHANG
EMPRESÁRIA DE MACAU CUJO GRUPO NIDUS TEM UMA SUBSIDIÁRIA NO INNO VALLEY HQ

estabelecida em 2016. A iniciativa foi apresentada na altura como a primeira “joint venture” ao nível dos serviços de apoio legal no seio da região da Grande Baía, fruto de uma união de esforços entre escritórios de advogados do Interior da China, Hong Kong e Macau.

Vários benefícios disponíveis

“O Inno Valley HQ é uma das plataformas industriais mais importantes em Hengqin, tendo conquistado várias distinções a nível nacional, o que torna o parque na primeira escolha no campo do empreendedorismo para jovens de Macau”, diz Liang Ying, notando que tal contribui para a estratégia nacional de crescente integração entre Macau e o Interior da China.



A Universidade de Macau e a empresa ImStem Biotechnology têm um laboratório conjunto no parque de incubação de negócios

O parque de incubação de negócios disponibiliza “vários benefícios” aos empresários que escolhem o Inno Valley HQ para desenvolver os seus projectos, refere a responsável. Entre esses apoios, estão subsídios para fazer face aos custos de arrendamento de um espaço de escritório. As empresas start-up podem, de um modo geral, gozar de um subsídio equivalente a 80 por cento do valor total da renda no primeiro ano em que estão sediadas no parque. O valor do subsídio é reduzido para 60 por cento e 40 por cento nos segundo e terceiro anos de operações, respectivamente.

Estão também disponíveis apoios para custos com habitação, de forma a facilitar a atracção de talentos. De acordo com Liang Ying, o valor máximo para apoiar despesas de alojamento pode chegar a 500 mil renminbis no caso de quadros altamente qualificados.

A responsável acrescenta, porém, que alguns dos principais benefícios disponibilizados pelo Inno Valley HQ não são financeiros. O parque de incubação de negócios funciona como uma plataforma de promoção do empreendedorismo, oferecendo às empresas aí instaladas acesso a vários tipos de informação, bem como a serviços de apoio nas áreas legal, comercial, de recursos humanos e fiscalidade.

“A maioria dos empreendedores de Macau tem dificuldade em interpretar as políticas das autoridades do Interior da China”, explica Liang Ying. “As pessoas de Macau não estão habituadas a ter que compreender documentos oficiais do Interior da China”, acrescenta. “Em segundo lugar, os empreendedores podem considerar que o mercado do Interior da China é demasiado grande e não sabem por onde começar o lançamento dos seus negócios.”

Liang Ying recorda que a criação do Inno Valley HQ foi impulsionada por um discurso do Presidente Xi Jinping durante os festejos do 15.º aniversário da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Na altura, o Presidente referiu que “os jovens de Macau são a esperança de Macau, mas também são a esperança do país, estando ligados ao futuro de Macau e do país”. Segundo acrescentou então Xi Jinping, “é necessário reforçar a educação dos jovens, dar muita importância, atenção e carinho à nova geração, e devem ser criadas condições para ajudar os jovens a atingir o seu desenvolvimento e sucesso plenos”.

Assim nasceu a ideia do Inno Valley HQ, para dar corpo a essa ambição de apoiar os jovens de Macau. Embora as novas políticas ligadas ao desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin signifiquem algumas mudanças face ao projecto inicial, “o objectivo de ajudar empreendedores de Macau mantém-se o mesmo”, diz Liang Ying. “Vamos trabalhar mais para apoiar os jovens de Macau e do Interior da China”, garante a responsável.

Bom ponto de partida

Vários empreendedores de Macau com projectos empresariais em desenvolvimento a partir do Inno Valley HQ sublinham a importância do apoio disponibilizado pelo parque de incubação de negócios. É o caso de Gloria Chang, que explica que uma das dificuldades dos empresários de Macau no Interior da China é interpretar as políticas das autoridades locais. “Como empreendedores, precisamos de estar conscientes, de perceber as circunstâncias em termos gerais, conhecer o Interior da China”, afirma.

A empresária considera que Hengqin é um bom ponto de partida para jovens de Macau interessados em lançar um projecto no mercado do Interior da China. “Uma vez que estamos a começar do zero, ir para muito longe pode ter custos elevados. Nesse aspecto, Hengqin oferece condições para lançar experiências empresariais em formato ‘low-cost’”, diz.

Natural de Macau, Gloria Chang concluiu os seus estudos universitários na Austrália, onde foi dentista durante alguns anos. Em paralelo, lançou-se no mundo do empreendedorismo, através do Nidus Enterprise Group, com projectos ligados à venda de equipamentos clínicos, restauração e turismo cultural.

No início de 2019, a empresária criou uma subsidiária do grupo Nidus ligada ao sector da logística, tendo escolhido o Inno Valley HQ como sede da nova empresa. Antes, Gloria Chang lançou empresas nas áreas do investimento e equipamentos clínicos, respectivamente na Província de Guangxi e na Área de Nansha da Zona Piloto de Comércio Livre de Guangdong. Além disso, o grupo Nidus está também presente em Macau.

Na sua opinião, o Inno Valley HQ pode facilitar de diversas formas as operações de uma start-up, sobretudo através do acesso a uma ampla rede de contactos. Ademais, a plataforma junta empreendedores de diferentes locais, o que beneficia a partilha de informação, diz.

A Nanometals Technology é outro projecto com raízes em Macau instalado no Inno Valley HQ. A empresa possui diversas patentes registadas no Interior da China na área da electrónica.



É muito importante
incubar empresas ligadas
à sociedade de Macau

LEI ZHEN
DIRECTOR-EXECUTIVO DA NANOMETALS
TECHNOLOGY, INSTALADA NO INNO VALLEY HQ



O Inno Valley HQ é composto por diversos edifícios com diferentes valências

© DIREITOS RESERVADOS

O director-executivo, Lei Zhen, explica que a empresa foi criada em 2015 na Zona de Desenvolvimento Industrial de Alta Tecnologia de Zhuhai, tendo-se mudado para Hengqin em meados de 2021. A Nanometals Technology possui cerca de uma centena de funcionários – desses, mais de 80 trabalham no Inno Valley HQ.

As instalações no parque de incubação de negócios incluem a parte administrativa da empresa, um laboratório de investigação e um centro de exposição. Há também um escritório em Macau, sobretudo dedicado à promoção comercial.

Actualmente, a Nanometals Technology arrenda um edifício de três andares no Inno Valley HQ, com uma área de 2000 metros quadrados. Ao mesmo tempo, mantém uma unidade industrial de 7000 metros quadrados na Zona de Desenvolvimento Industrial de Alta Tecnologia de Zhuhai.

A Nanometals Technology tem também apostado na diversificação. A empresa desenvolveu vários produtos desinfectantes e materiais anti-bacterianos em resposta à COVID-19. Estes foram criados no contexto de um programa de apoio financeiro do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia da RAEM.

O director-executivo da empresa diz que, no passado, havia escassez de condições para o desenvolvimento de projectos tecnológicos em Macau. “Agora, podemos ver melhorias”, diz. “Antigamente, era raro encontrar empreendedores de Macau. Hoje em dia, é mais comum falar-se de empreendedorismo.”

O empresário enfatiza que o plano da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin “é uma grande oportunidade”. E acrescenta: “Creio que essa estratégia vai atrair os melhores recursos de Macau e do Interior da China. Vai permitir uma concentração de vantagens, boas experiências e boas políticas”.

Sobre o Inno Valley HQ, Lei Zhen elogia a existência de um parque de incubação de negócios em Hengqin que dá prioridade a projectos da RAEM. Segundo diz, “é muito importante incubar empresas ligadas à sociedade de Macau”. E explica porquê: a captação de empresas de outros locais, atraídas por eventuais subsídios, poderia beneficiar os resultados económicos do parque a curto prazo, mas haveria o risco de essas empresas abandonarem Hengqin quando se esgotassem os apoios financeiros. “Isso não é positivo nem para a diversificação económica de Macau, nem para Hengqin”, sublinha. ▲



ENTREVISTA

Indústria financeira moderna ganha protagonismo

Sam Tou, vice-presidente da Associação de Bancos de Macau (ABM), diz que o sector local está a evoluir rapidamente de um sistema bancário tradicional para serviços financeiros modernos, em particular na negociação de títulos. Em entrevista à Revista Macau, o experiente banqueiro, que é também director executivo do Banco Nacional Ultramarino (BNU), destacou a ambição da ABM em promover Macau como um sítio onde os países de língua portuguesa possam obter financiamento

Texto | Stephanie Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

O Governo identificou o desenvolvimento de uma indústria financeira moderna como essencial para diversificar a economia de Macau. Qual é o papel do sector bancário nesta estratégia?

O sector bancário é muito importante em Macau: tem sido um dos pilares da economia e é o motor que sustenta tanto as pequenas e médias empresas (PME), como os empresários em nome individual ou as grandes empresas da cidade.

Desde a criação da nossa associação, em 1985, reunimos 32 bancos, juntamente com a Caixa Económica Postal. Ao longo das últimas décadas, os bancos de Macau têm disponibilizado serviços tradicionais. Agora, face à meta de diversificação [económica], temos uma

missão, que é seguir a estratégia de desenvolvimento do Governo. Com base neste plano, estamos a preparar novas fases para o desenvolvimento da nossa associação.

Entre Dezembro e Janeiro, começámos a estabelecer algumas novas Comissões – além dos nossos grupos técnicos de trabalho já existentes –, encarregadas de estudar os novos regulamentos [para o sector]. Agora temos uma nova Comissão do Desenvolvimento dos Serviços Financeiros Sino-Portugueses, uma Comissão para o desenvolvimento das finanças modernas, outra para as finanças inclusivas, o que significa [para] as PME, uma Comissão para o desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, bem como uma nova Comissão para o controlo dos riscos financeiros. Todas estas novas Comissões pretendem ajudar Macau e o sector bancário em geral a trabalhar para o novo objectivo de desenvolvimento da cidade.

Também aderimos à Aliança de Finanças Verdes da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, para ajudar a promover as finanças verdes.

Ao mesmo tempo, a Associação de Bancos de Macau está também activamente à procura de novas oportunidades de cooperação que contribuam para o desenvolvimento de serviços financeiros modernos na área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Desenvolver Macau como uma plataforma de serviços financeiros especializados, a chamada “finanças com características próprias”, é um objectivo político. Pode esta plataforma atrair investidores do exterior?

Desde que a MOX [Transacção de Bens Financeiros de Chongwa (Macau), S.A.] foi criada, vimos passos bastante animadores no mercado local de títulos. Segundo algumas informações actualizadas da MOX, eles lidaram, desde a sua criação, com mais de 110 emissões [de títulos] no valor total de 300 mil milhões de patacas. Não

estamos a falar de um valor reduzido. Em 2019, houve alguns títulos nacionais [da China] emitidos aqui. Estes são números muito animadores. E eles [a MOX] também assinaram, no início deste ano, um acordo de cooperação com a Bolsa de Valores de Luxemburgo para [aumentar] a visibilidade dos títulos listados em Macau na Bolsa de Valores de Luxemburgo [para investidores internacionais]. É muito bom que hoje tenhamos uma procura muito forte do Interior da China. Estas emissões captam principalmente recursos das entidades e do Governo chineses. Alguns destes [títulos] são naturalmente locais, mas a maioria é do Interior da China. Então, acho que há uma tendência muito encorajadora para o mercado de títulos em Macau.

E quanto aos outros segmentos, como locação financeira e gestão de activos?

A gestão transfronteiriça de activos também é importante, porque a maioria dos bancos chineses já estabeleceu uma



Os bancos locais procuram diversificar a oferta de serviços financeiros para responder às necessidades de todos os sectores de Macau



Acho que há uma
tendência muito
encorajadora
para o mercado
de títulos
em Macau

SAM TOU
VICE-PRESIDENTE
DA ABM

presença em Macau; alguns bancos locais estão também a trabalhar bastante nessa área. Não é tão fácil trabalhar com um outro banco para fazer essa ligação porque envolve muita integração de sistemas, aprovação dos reguladores, entre muitos outros detalhes. Mas estamos a trabalhar nessa direcção para responder às necessidades do mercado nessa área. Ao longo dos últimos dois anos, durante a pandemia da COVID-19, os depósitos dos residentes têm vindo a aumentar constantemente; no caso de bancos como o BNU, verificámos que todas as sucursais registaram um crescimento estável dos depósitos. Também observámos muito interesse [dos clientes] em investimentos, principalmente na nossa plataforma online, por exemplo, para investimento em fundos mútuos. Em geral, há uma procura bastante forte por soluções de gestão de activos.

Por outro lado, todos os bancos [em Macau] estão a esforçar-se para desenvolver a área da locação financeira. No início, quando começámos a falar sobre as finanças com características próprias, era sobre o Interior da China tentar exportar a sua capacidade em excesso para os países abrangidos pela iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, particularmente para os países de língua portuguesa, que podem necessitar de muito equipamento pesado. Mas, de um modo geral, a locação financeira não é um negócio simples.

Para já, direi que, no segmento de títulos, os números ilustram o sucesso: mais de 110 emissões cobrindo até 300 mil milhões de patacas, até agora. A Central de Depósito de Valores Mobiliários já foi constituída em Dezembro e a Autoridade Monetária de Macau emitiu as respectivas orientações e regulamentos. Acho que, no futuro, os títulos continuarão a ser uma espécie de força motriz. Mas não iremos desistir de outras áreas, como a gestão de activos, locação financeira e finanças verdes.

Se a negociação de títulos parece ser a força motriz, o que é preciso para que este segmento prospere em Macau e atraia mais investidores?

A maioria das instituições que procuram financiamento através da emissão de obrigações em Macau é do Interior da China, e a razão pela qual o faz aqui é, em primeiro lugar, porque se trata de uma alternativa a Hong Kong. A segunda razão pela qual escolhem Macau é a nossa relação com os países de língua portuguesa. Deste modo, eles podem fazer uso da plataforma para expandir para os países de língua portuguesa. Além disso, como a MOX já assinou um acordo com a Bolsa de Valores de Luxemburgo, isso pode ajudar estas instituições chinesas a aumentar a sua visibilidade no mercado europeu.



Macau procura expandir os seus serviços financeiros ao restante da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau

Entre os bancos locais, temos o Haitong Bank, que é basicamente um banco de investimento. Eles têm também desempenhado um papel importante a ajudar as empresas a obter financiamento e até têm um escritório em Portugal. Então, daqui para a frente, como podemos aproveitar o papel de Macau como plataforma não só para as instituições chinesas irem para o exterior, mas também para atrair para Macau empresas ou instituições de países de língua portuguesa? É um dos objectivos a alcançar no futuro.

Como encara o papel de Macau como plataforma de serviços financeiros entre a China e os países de língua portuguesa? Que mais pode o território fazer para reforçar o seu posicionamento?

Macau tem feito um grande esforço para atrair investimento dos países de língua portuguesa, e temos o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de

Macau e o Fórum de Macau a trabalharem nessa frente. Acho que, através do nosso esforço contínuo, como, por exemplo, através do mercado obrigacionista, podemos convencer empresas ou instituições dos países de língua portuguesa a procurarem financiamento em Macau.

Além disso, no Brasil e em Portugal há muitas empresas internacionais que são competitivas a nível mundial. Portugal é bom na produção de vinho, mas também noutras áreas.

Portanto, estamos confiantes de que podemos trazer alguns empreendedores ou investidores do exterior, mas isso deve levar algum tempo devido à pandemia e às restrições de viagem. É por isso que, para já, podemos apresentar-lhes Macau através de meios online, através da Confederação Empresarial da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP). Também nos esforçamos para que a nossa associação funcione como uma força colectiva para os

32

Bancos que são membros da ABM

convencer a estabelecer algumas alianças bancárias e depois promover o relacionamento entre bancos e apelar às instituições que fortaleçam a cooperação. Ainda há um longo caminho a percorrer.

Quais são as oportunidades para os bancos de Macau em toda a área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau?

Basta olhar para alguns números importantes: a Grande Baía tem agora uma população de mais de 80 milhões. Como sempre digo, os bancos estão aqui para servir a comunidade e a economia. Macau tem uma área geográfica com apenas 33 quilómetros quadrados; e Hengqin tem 106 quilómetros quadrados. Portanto, se pudermos expandir o nosso negócio para Hengqin, será definitivamente bom para os bancos de Macau. Há também o apoio do Governo Central para o desenvolvimento de Hengqin, o que será bom no futuro. A banca tem de crescer a longo prazo. Temos paciência e veremos o que está para vir. Não é tão fácil porque [Hengqin] ainda está a definir regras e regulamentos. Mas estou optimista. Os bancos membros da nossa associação estão também a tentar dar as suas opiniões para ajudar as autoridades relevantes a atingir as metas de desenvolvimento traçadas para Hengqin.

Os bancos de Macau estão, portanto, a acompanhar a regulação para o sector financeiro em Hengqin?

A banca é um sector altamente regulamentado e [em Hengqin] funcionará de acordo com as leis do Interior da China. Não podemos fazer mais do que o que nos é permitido, mas queremos usar os recursos de Macau: no caso dos bancos em Hengqin, é necessária a criação de um sistema independente e um suporte separado, o

que não é bom em termos de economia de escala para os bancos de Macau. Tentámos propor outra solução junto do Governo local: porque não permitir que os bancos de Macau utilizem o apoio das nossas sedes, como o nosso sistema informático e o nosso sistema bancário, para apoiar o nosso negócio em Hengqin, em vez de ter que instalar um novo sistema lá? Porque isso seria como duplicar o nosso investimento.

A nossa associação está a tentar explicar o que os bancos de Macau querem ou esperam, o que será bom para os bancos em Macau e também bom a longo prazo para as pessoas que vivem em Hengqin, ou para as empresas de Macau que se estão a instalar ali. Estamos a tentar prestar um serviço semelhante ao de Macau às pessoas e instituições em Hengqin.

Macau tem um conjunto de bons profissionais locais a apoiar o sector bancário? O que tem feito a ABM e os bancos membros para promover os talentos locais?

A Associação dos Bancos de Macau e o Instituto de Formação Financeira (IFF) dão apoio diferenciado em termos de cursos e facilitam a realização de vários exames em Macau, como o do CFA (Chartered Financial Analyst).

Eu sei que as principais instituições de ensino superior de Macau, como por exemplo, a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, a Universidade Politécnica de Macau e a Universidade de Macau, têm diferentes tipos de novos cursos e disciplinas de gestão. A banca precisa de todo o tipo de talentos: não só os que se especializam em finanças, mas também em análise de dados, contabilidade, gestão de risco, etc. Creio que o IFF e as universidades de Macau estão a fazer esforços para desenvolver diferentes cursos e programas de apoio para os talentos locais.

Não acredito que não tenhamos talentos em Macau: algumas famílias de Macau têm os seus filhos a estudar no estrangeiro; muitos deles optaram por permanecer no exterior devido à sua carreira. Mas, a longo prazo, quando Macau desenvolver infra-estruturas boas, pode atraí-los para que contribuam para o desenvolvimento da cidade. ▲



CAFÉ DE TIMOR-LESTE

Aromas mauberes cativam China

A popularidade do café timorense está em rápida ascensão entre os consumidores do Interior da China, particularmente em Pequim e Xangai.

A qualidade do produto é um dos trunfos

Texto | Viviana Chan

NA TERRA do chá, a afirmação comercial de Timor-Leste faz-se pelo café. Nos últimos anos, e apesar do impacto da pandemia da COVID-19, o café timorense deu passos significativos rumo ao reconhecimento no Interior da China. O café orgânico do país de língua portuguesa também está presente em Hong Kong, onde um projecto ligado à promoção do desenvolvimento sustentável está a disponibilizar o produto junto dos consumidores da cidade vizinha.

Há um óbvio aumento da procura no Interior da China por café timorense, revela Bei Lei, curadora executiva do Pavilhão Nacional de Timor-Leste na Zona Piloto de Livre Comércio de Xangai. Pequim e Xangai, acrescenta a responsável, são os principais pontos de consumo do produto, o qual goza já de forte implantação em Macau.

A afirmação do café timorense no Interior da China não pode ser dissociada do rápido crescimento do consumo da bebida entre os chineses, particularmente nas zonas urbanas. De acordo com um estudo da consultora Euromonitor International, em 2018, o consumo de café “per capita” no Interior da China era inferior a cinco chávenas por ano. Porém, estimativas relativas a 2021 da consultora Deloitte colocavam já o indicador em nove chávenas por ano, fixando-se o valor em mais de 320 chávenas entre consumidores regulares nas grandes metrópoles chinesas.

Momento de afirmação

O primeiro grande momento de afirmação do café timorense no mercado do Interior da China ocorreu em Novembro de 2019, no âmbito da 2.ª Exposição Internacional de Importação da China, em Xangai. Durante o evento, foi disponibilizado no stand do país de língua portuguesa – a cargo da empresa Timor Media Solution – café “kopi luwak” de Timor-Leste. A bebida

atraiu bastante atenção, com o sucesso a repetir-se nas edições de 2020 e 2021 da exposição.

O produto “gourmet”, igualmente conhecido como café civeta, é um dos cafés mais caros do mundo, sendo característico das ilhas de Sumatra, Java e Sulawesi, na Indonésia. O “kopi luwak”, que é também produzido em Timor-Leste, tem a particularidade de ser criado a partir de grãos de café parcialmente digeridos, extraídos de fezes de civeta, um mamífero similar a um gato doméstico, conhecido como “luwak” na Indonésia.

Em Dezembro de 2019, foi inaugurado o Pavilhão Nacional de Timor-Leste na Zona Piloto de Livre Comércio de Xangai, tendo entre as suas tarefas promover o café timorense. O pavilhão, enquanto entidade oficial estabelecida com autorização da Embaixada de Timor-Leste em Pequim e das autoridades de Xangai, atingiu já um volume de negócios de cerca de 2 milhões de dólares americanos no ano passado.



O café é um dos cartões de visita de Timor-Leste na China



A procura por café timorense por parte da China é muito maior do que a oferta

BEI LEI
CURADORA EXECUTIVA DO PAVILHÃO
NACIONAL DE TIMOR-LESTE EM XANGAI

Bei Lei diz à Revista Macau que foi só em Março de 2021 que o Interior da China importou directamente a primeira remessa a granel de grãos de café “kopi luwak” de Timor-Leste. Esta veio integrada num lote de 20 toneladas de produtos de café timorense, sendo o carregamento a primeira parte de uma encomenda total de 60 toneladas, avaliada em 5 milhões de dólares americanos, a ser entregue de forma faseada.

“Anteriormente, o café ‘kopi luwak’ de Timor-Leste nunca tinha sido importado de forma legal” para o Interior da China, sublinha a responsável. Segundo recorda, foi mesmo necessário criar um novo código de importação para este item no sistema de alfândega chinês, para fazer face à novidade.

Promover a marca Timor

A curadora executiva do Pavilhão Nacional de Timor-Leste adianta que, embora o café timorense tenha



© DIREITOS RESERVADOS

“excelente qualidade”, ainda tem bastante margem de crescimento no Interior da China. Citando dados oficiais, a responsável refere que, até recentemente, os valores das importações directas de café timorense para o mercado chinês eram limitados.

Bei Lei explica que uma dificuldade na divulgação do produto relaciona-se com a falta de conhecimento sobre Timor-Leste entre os chineses. “Falta informação sobre o turismo, a cultura timorense”, diz. “Ou seja, o público chinês sabe muito pouco sobre o país.”

Foi com o objectivo de reverter a situação e promover um aumento dos laços comerciais com a China que foi criado o Pavilhão Nacional de Timor-Leste



Pavilhão Nacional de Timor-Leste na Zona Piloto de Livre Comércio de Xangai

em Xangai. Bei Lei diz que o café “kopi luwak” é um bom cartão de visita para o país, “que pode beneficiar a entrada de outros produtos no mercado chinês”. Nesse sentido, está em curso um projecto de promoção do caju timorense, o qual conta com o envolvimento do Ministério da Agricultura e Pescas de Timor-Leste. “Distribuimos as máquinas necessárias aos agricultores para que possam embalar o caju para que seja exportado para a China”, explica Bei Lei.

Entretanto, o Pavilhão Nacional de Timor-Leste tem novos projectos para o café timorense no Interior da China. Recentemente, assinou um acordo com a

Shanghai Soong Ching Ling Foundation, que promove iniciativas na área da inclusão social. “Pretendemos lançar produtos culturais para vender em pontos turísticos”, explica Bei Lei. “Tratam-se de artigos de ‘crossover’: misturamos o elemento timorense através do café e fazemos um novo design.”

Além disso, a curadora acrescenta que vai ser inaugurado em breve um centro de comércio de café – o maior da China –, o qual está a nascer na zona de desenvolvimento de comércio internacional no distrito Hongqiao, em Xangai. A infra-estrutura vai disponibilizar café de todo o mundo, incluindo de Timor-Leste.



A The Hummingfish Foundation, de Hong Kong, tem uma parceria com a população de Laclubar para a promoção da produção sustentável de café

© THE HUMMINGFISH FOUNDATION

Um desafio que o país enfrenta, face às expectativas do mercado chinês, está ligado à dimensão limitada da indústria cafeeira timorense. Por exemplo, a produção anual de café “kopi luwak” é de apenas cerca de 800 quilos.

“A procura por parte da China é muito maior do que a oferta. Por isso, as encomendas são divididas em partes e são enviadas em várias remessas”, explica Bei Lei. A responsável acrescenta que a situação foi agravada pelas graves cheias que atingiram Timor-Leste no ano passado, tendo afectado a produção de café no país. Outros desafios estão relacionados com os elevados custos e atrasos ligados ao transporte da mercadoria para a China.

Para melhorar a situação, o Governo timorense aprovou em Maio um programa de estímulo à renovação e expansão das áreas de plantação de café no país, com o objectivo de aumentar a produção anual e os rendimentos dos agricultores. O programa reconhece

a importância de “apoiar a produção e a promoção de café orgânico e de alta qualidade”.

Café com preocupação ambiental

Em Hong Kong, o café timorense já está presente há pelo menos quase uma década pela mão da The Hummingfish Foundation. A organização sem fins lucrativos comercializa a marca de café orgânico timorense “Maubere Mountain Coffee”, o qual é produzido em ambiente selvagem. A iniciativa visa estimular o desenvolvimento sustentável da população timorense e promover a protecção ambiental.

A fundação foi criada pelo fotógrafo norte-americano Daniel J. Groshong em 2010, que se apaixonou por Timor-Leste durante o seu trabalho no país. À Revista Macau, a directora de operações da fundação, Grace Ho, explica que o projecto de produção de café nasceu em parceria com a população de Laclubar, uma localidade situada

Duas décadas de amizade entre Timor-Leste e China

ASSINALA-SE este ano o 20.º aniversário da restauração da independência de Timor-Leste. Também em 2022, são celebradas duas décadas de relações diplomáticas entre o país e a China. Para marcar a efeméride, o Pavilhão Nacional de Timor-Leste na Zona de Comércio Livre em Xangai organiza uma competição

de pintura para crianças e jovens.

A curadora executiva do pavilhão, Bei Lei, explica que a competição está subordinada ao tema da paz. A actividade espera contar com participantes de escolas e instituições de ensino superior da China e das duas maiores cidades de Timor-Leste, Díli e Baucau.

Bei Lei enfatiza que o concurso está enquadrado na missão do Pavilhão Nacional de Timor-Leste. O organismo não está apenas ligado à promoção comercial, mas tem também um papel de divulgação da cultura timorense, explica a responsável.

As obras a concurso serão exibidas em várias cidades chinesas. ▲

numa zona remota e montanhosa de Timor-Leste. A fundação pretende “ajudar a comunidade local no desenvolvimento de métodos que garantam uma produção consistente e sustentável de produtos de alta qualidade”, bem como na criação de marcas próprias, diz a responsável.

“Garantir a qualidade dos grãos de café exige muito trabalho”, enfatiza Grace Ho, sublinhando que o processo de produção é feito de forma manual, em zonas de difícil acesso. “Por isso, pagamos um valor mais alto do que o preço de mercado para adquirir o café. Queremos que o café orgânico seja devidamente valorizado pelos consumidores, de forma a sustentar o trabalho dos camponeses”, afirma a responsável. Eventuais lucros da comercialização do produto são reinvestidos no projecto ou redistribuídos entre os agricultores.

A fundação criou já vários canais de comercialização do café timorense. “Alguns restaurantes em Hong Kong estão a adquirir o nosso produto como ‘café da casa’, porque preferem não usar cafés de grandes marcas internacionais”, diz Grace Ho. “Quando os clientes escolhem o café de Timor-Leste, podem ler uma pequena apresentação sobre o produto no menu, para ajudar a transmitir a nossa mensagem. Como o conceito de protecção ambiental está na moda, isso

facilita a promoção de café timorense”, refere.

A dirigente explica que o grão de café timorense é também comprado para misturar com café de outras origens. A fundação tem vindo a estabelecer acordos com alguns parceiros de relevo em Hong Kong, como a companhia aérea Cathay Pacific, a marca de artigos de moda Agnes b. e a empresa de distribuição de artigos alimentares Homegrown Foods. Os produtos da marca “Maubere Mountain Coffee” estão também disponíveis para compra na página electrónica da fundação.

Devido aos efeitos negativos da pandemia da COVID-19 em Hong Kong, o volume de vendas de café timorense pela The Hummingfish Foundation registou “quebras superiores a 50 por cento nos últimos tempos”, admite Grace Ho. A situação é particularmente grave nas vendas a retalho, fruto do cancelamento de várias feiras e outros eventos promocionais.

Ainda assim, Grace Ho explica que, através do café timorense, a fundação pretende passar uma mensagem mais abrangente: sensibilizar os consumidores para a importância do desenvolvimento sustentável, “para que as pessoas percebam que é possível promover a protecção ambiental através das escolhas de produtos que consumimos no dia-a-dia”. ▲



ANCUZA



DIVERA

PATUÁ

O papiar de Macau ouve-se em Portugal

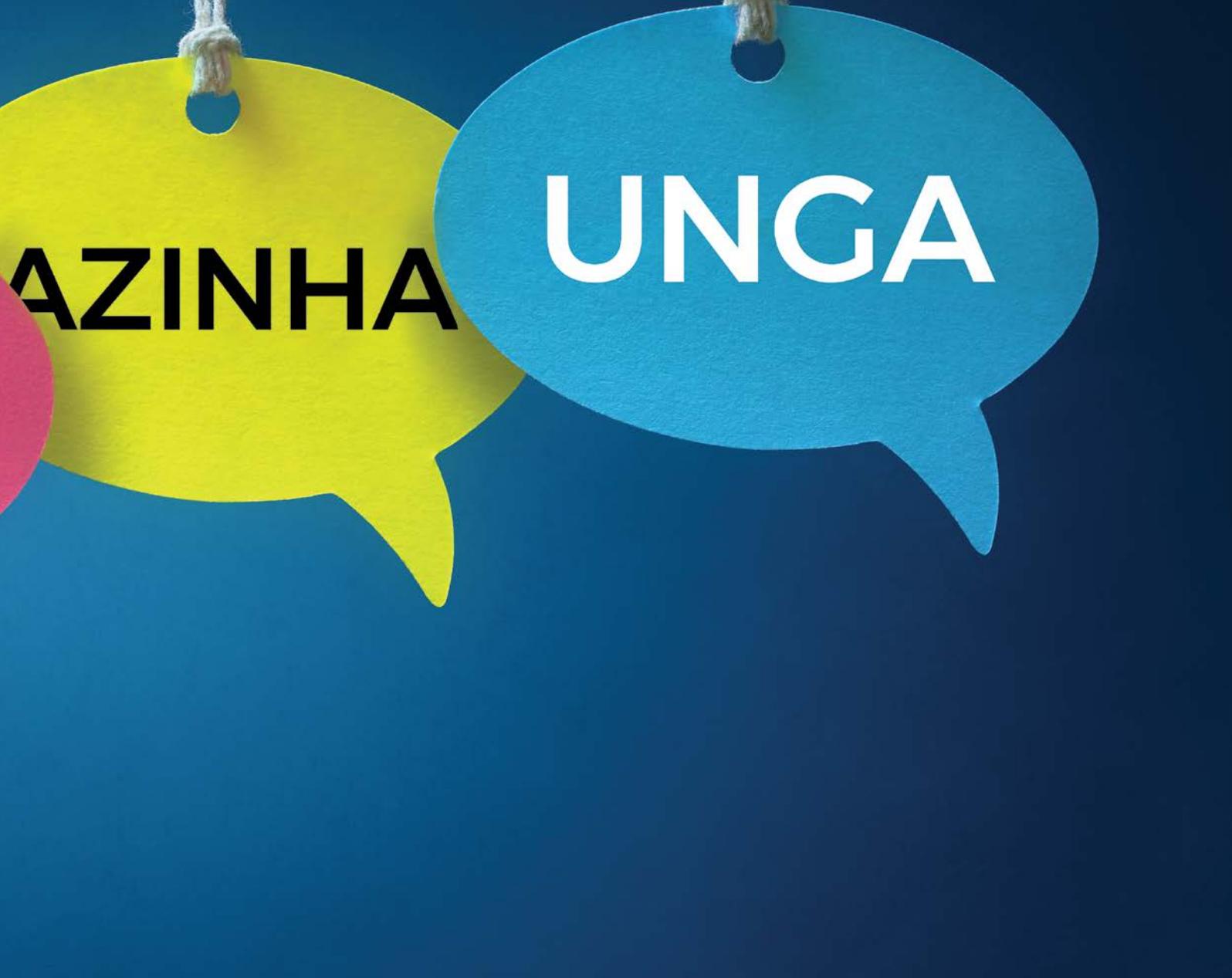
O Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, acaba de lançar a primeira oficina dedicada ao patuá. O entusiasmo de formadores e alunos está apenas no começo: a ideia é conseguir criar em Portugal um grupo de teatro à semelhança dos Dóci Papiaçám di Macau

Texto e fotografia | Helder Beja

DA PRIMEIRA vez que regressou à Macau que o viu nascer e de onde partiu rumo a Portugal com apenas dois anos, Joaquim Ng Pereira já era adulto. Foi em 2002, para passar o Natal. Joaquim comprou uma câmara fotográfica numa das muitas lojas de tecnologia do território e quando voltou a Portugal tinha mais de 2000 fotografias tiradas. Este “filho da terra”, fruto de pai português e mãe chinesa, simplesmente não conseguia parar de registar tudo

aquilo que lhe aparecia diante dos olhos. Agora, 20 anos e várias visitas a Macau depois, Joaquim Ng Pereira está às portas da reforma de uma carreira de informático na Câmara Municipal da Amadora, nos arredores de Lisboa, e assume o papel de formador da primeira oficina de patuá lançada pelo Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), localizado na capital portuguesa.

“O meu objectivo principal com esta e outras actividades é que Portugal não esqueça Macau e que Macau não esqueça Portugal”, diz Joaquim Ng Pereira, que se prepara para dedicar cada vez mais tempo à sua grande paixão: a cultura macaense e em especial o seu idioma minoritário reconhecido pela UNESCO.



AZINHA

UNGA

A oficina de patuá do CCCM, que decorre até Outubro, tem ainda Sara Roncon Leotte como formadora. A iniciativa arrancou em Junho, com oito inscitos, entre jovens e adultos.

“Escolhemos chamar-lhe oficina pelo aspecto prático: tem teatro, tem récita. Vão ser 32 sessões ao longo de quatro meses”, com uma pausa em Agosto, nota Ana Cristina Alves, coordenadora do serviço educativo do CCCM e estudiosa da China e da língua chinesa há mais de duas décadas. “O público mostrou um muito maior nível de adesão à oficina de patuá do que a todas as outras oficinas que temos neste momento – e nós temos uma oferta imensa. Esta é aquela que hoje está

a recolher maior adesão, o que é fantástico e revelador de que as pessoas já não estão apenas à espera do tradicional, querem ter novas experiências culturais.”

Para criar esta experiência cultural singular, Joaquim Ng Pereira – licenciado em Ciências da Comunicação e Cultura e mestre em Programação e Gestão Cultural com uma tese sobre o Museu de Macau do CCCM – vai fazer uso dos poemas em língua maquista de Adé dos Santos Ferreira, o seu “herói favorito”, e dos textos dramáticos de Miguel Senna Fernandes, advogado em Macau e encenador do grupo teatral local Dóci Papiaçám di Macau. “Não há melhor via do que a poesia para ter o contexto da alma. Há sempre qualquer coisa

que fica que é diferente do contexto normal, a poesia é uma forma mais sublime de récita. Gosto de recitar poesia, toda ela, mas o patuá tem uma musicalidade que é diferente”, elabora Joaquim Ng Pereira.

Aproximar Portugal da China e de Macau

A oficina de patuá do CCCM é “voltada para a transmissão de saber pela arte, uma arte empenhada e comprometida na defesa de uma identidade”, diz Ana

Cristina Alves. “Vamos ter não uma oficina tradicional de transmissão de conhecimento, mas uma oficina que chama as pessoas através da representa o lúdica, do teatro, da dramaturgia, da récita.”

O objectivo, nota a representante do CCCM,   cumprir a carta de missão da institui o. Nesse documento, explica Ana Cristina Alves, a presidente, Carmen Amado Mendes, comprometeu-se a estabelecer um espaço que privilegiasse não são as rela es de Portugal com a China, mas também as rela es Portugal-Macau-China.

Língua chinesa e patuá numa rádio de Belém

A NA Cristina Alves, Joaquim Ng Pereira, Miguel Senna Fernandes e  lvaro Rosa, que durante muitos anos trabalhou no Instituto Politécnico de Macau (actualmente Universidade Politécnica de Macau), estão a preparar dois programas de rádio dedicados à China e a Macau que serão emitidos na rádio online da Junta de Freguesia de Belém (<https://radiobelem.jf-belem.pt>), em Lisboa.

O primeiro chama-se “Nas Asas da Língua”, já tem vários episódios gravados e parte da etimologia dos caracteres chineses. “Eu faço a análise etimológica de caracteres marcantes do ponto de

vista filosófico para a cultura e para a civiliza o chinesa – caracteres como o ‘tao’, a ‘benevolência’, o ‘cora o’ – e digo-os em mandarim”, conta Ana Cristina Alves. Depois, Álvaro Rosa pronuncia a mesma expressão em cantonense e Joaquim Ng Pereira em patuá. “Os objectivos deste programa são chamar a aten o para os conceitos principais da filosofia chinesa, mostrar a sua rela o com a língua e para o facto de a cultura chinesa não ser una, mas vária”, acrescenta a representante do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM).

O outro programa, ainda por baptizar, vai debruçar-se

exclusivamente sobre Macau e o patuá. Joaquim Ng Pereira desafiou Miguel Senna Fernandes, que ficou entusiasmado com a ideia.

“Vou iniciar sempre com um poema em patuá ou ligado a Macau, na maioria do Ad  [dos Santos Ferreira]. Sempre que puder farei um convite a alguém ligado a Macau para falar sobre os usos e costumes, o seu quotidiano, etc. E, na parte final do programa, o Senna Fernandes falar  sobre a parte técnica do patuá, os seus pronomes, os verbos”, diz Joaquim Ng Pereira. A rúbrica será transmitida na mesma rádio online e deve arrancar este mês. ▲



O meu objectivo principal com esta e outras actividades é que Portugal não esqueça Macau e que Macau não esqueça Portugal

JOAQUIM NG PEREIRA
FORMADOR DA
OFICINA DE PATUÁ



“Há aqui, se quisermos, um chapéu de três bicos, em que Macau assume um papel de plataforma.”

Esse trabalho tem sido feito através de actividades como as Conferências da Primavera, que reúnem boa parte da intelectualidade portuguesa que hoje trabalha a Sinologia, os Estudos de Macau e os Estudos Asiáticos. “Do ponto de vista dos Estudos de Macau, havia que assumir uma posição de não apenas fazer a conferência tradicional sobre Macau na Primavera, mas também mostrar o que é que caracteriza a identidade macaense. E o que a caracteriza é a gastronomia – e nós já tínhamos abordado esse tema nas palestras do ano passado – e o patuá”, acrescenta a investigadora.

Para Ana Cristina Alves, ninguém melhor que Joaquim Ng Pereira para dar a conhecer a língua macaense aos alunos portugueses. “Desde há muito tempo que ele assumiu a bandeira da língua de Macau. O Joaquim vestiu inteiramente a camisola. Não há encontro que se tenha aqui ou na Fundação Casa de Macau [em Lisboa]

em que ele não procure dizer um poema ou fazer uma representação em patuá – e agora vai dar a oficina. Tudo isto dá trabalho, tudo isto implica empenhamento e é evidente que, quando a presidente me perguntou se eu queria coordenar este curso, eu sabia com quem estava a contar à partida: pessoas empenhadas por inteiro, com o coração.”

Sara Roncon Leotte, que estagiou com Ana Cristina Alves no Museu de Macau do CCCM em 2021, vinda do Instituto Politécnico de Bragança no norte de Portugal, será o braço direito de Joaquim Ng Pereira nesta formação de patuá. “Ela vai assistir às aulas, vai aprender, e quando acabar aqui vai ministrar o mesmo curso em Bragança, com o meu apoio”, aponta Joaquim Ng Pereira, que tem planos ainda maiores para o papiar maquista.

Em 2023, o responsável pretende voltar a dar a oficina, desta feita na Fundação Casa de Macau. Depois, com os alunos que mostrarem interesse, quer dar o



O público mostrou um muito maior nível de adesão à oficina de patuá do que a todas as outras oficinas que temos neste momento

ANA CRISTINA ALVES
COORDENADORA
DO SERVIÇO
EDUCATIVO DO CCCM



grande passo: formar em Lisboa um grupo de teatro em patuá com o apoio de Miguel Senna Fernandes e dos Dóci Papiaçám di Macau. “Os alunos já terão alguma bagagem e poderemos desenvolver este projecto de teatro. O Senna Fernandes vai-me enviar textos para podermos trabalhar”, revela com satisfação. E este não é o único projecto ligado ao patuá que os dois macaenses estão a desenvolver em conjunto: há também um programa radiofónico na calha (ver caixa nestas páginas). Por agora, Joaquim Ng Pereira tem pela frente o desafio de ensinar o idioma maquista a um grupo bastante heterogéneo de alunos.

Papier em todas as idades

Joana Gonçalves chegou à China com apenas quatro anos. Viveu com os pais em Pequim, durante dois anos, e depois em Macau, de onde saiu já com 10. Hoje com 12 anos, a jovem aluna da oficina de patuá do CCCM

sente uma forte ligação ao território. “Foi uma decisão minha frequentar este curso. Em Macau, na escola, demos a história e falámos sobre o patuá e as línguas que já quase ninguém falava. Gostava de aprender e se calhar ensinar a outras pessoas que já sejam mais velhas, para não se perder a língua”, diz.

Joana Gonçalves quer “aprender a língua macaense e também a história que está por detrás, como se formou” o linguajar macaense. A aluna frequenta actualmente o 7.º ano de uma escola americana nos arredores de Lisboa, onde também estuda mandarim. A ligação futura a Macau e à China é algo que vê com bons olhos. “Quando for mais velha, se calhar vou para lá, ainda não sei, mas acho que sim”, diz, sorridente.

Quem tem uma ligação antiga a Macau é Maria Helena do Carmo, aluna da oficina de patuá e autora de vários romances históricos sobre o território, como “Mercadores do Ópio” e “Bambu Quebrado”. Quando,



Gostava de aprender patuá e se calhar ensinar a outras pessoas que já sejam mais velhas, para não se perder a língua

JOANA GONÇALVES
ALUNA DA OFICINA
DE PATUÁ



ainda jovem, retornava para Portugal – vinda de Goa, onde vivera e trabalhara como locutora de rádio durante os últimos anos da administração portuguesa daquele território –, havia passageiros de Macau a bordo do navio. “Achei muito interessante, porque criei amizade com pessoas que lá estavam, portuguesas e macaenses, e fiquei sempre com a ideia de que seria interessante conhecer Macau”, conta. A professora reformada e escritora acabaria por pisar o território muito mais tarde, quando o marido ali foi colocado em serviço, corria o ano de 1991. “Decidi acompanhá-lo e gostei imenso”, recorda.

Em Macau, Maria Helena do Carmo leccionou no ensino secundário e fez um mestrado que a levou a estudar a História de Macau e a interessar-se pela cidade onde viveu até 1999. “É uma cultura interessante, muito híbrida na junção entre o chinês e o português, que me motivou a começar a escrever sobre Macau.”

A autora, natural da Madeira e hoje radicada no

Algarve, tem em casa alguns livros em patuá. Resolveu aprender o idioma por considerar-se “uma estudante militante”.

“Faço algumas leituras de patuá, percebo até a maior parte das coisas, mas há determinadas palavras que não entendo, porque são mais específicas. Então, inscrevi-me no curso para poder descodificar correctamente qualquer leitura que faça em patuá ou algo que eu queira publicar”, explica.

Outro apaixonado de Macau e do patuá que decidiu inscrever-se na oficina é Raul Gaião, que publicou até um dicionário maquista baseado na obra de Adé dos Santos Ferreira. Quando soube de tão ilustre aluno, o formador Joaquim Ng Pereira interpelou-o: “Você sabe mais patuá do que eu”, disse-lhe, e ele riu-se. A questão é que academicamente eles sabem, mas é na parte da alma do patuá que existem lacunas e é isso que estou a ensinar – a forma de se expressarem em patuá e de sentirem aquilo que estão a dizer”. ◀

COMPETIÇÃO “928 CHALLENGE”

Ambição alta para empreendedorismo sino-lusófono

A segunda edição da competição “928 Challenge” vai ter uma nova categoria, dirigida a start-ups, além de mais universidades envolvidas. O objectivo de criar dinâmicas de cooperação entre o mundo lusófono e a China mantém-se, mas a ambição sobe, com os organizadores a quererem que o evento se torne na maior iniciativa em Macau de promoção do empreendedorismo internacional

Texto | Catarina Brites Soares

A ESFERA que o evento abrange foi o que lhe deu nome: as nove cidades da província de Guangdong que são parte da Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, as duas regiões administrativas especiais da China (Hong Kong e Macau) e os oito países de língua portuguesa. Ao “928” segue-se o “Challenge”, que neste caso passa por juntar estudantes universitários – e agora start-ups – e promover a germinação de ideias. Em suma, a competição “928 Challenge” foi criada a pensar na meta que foi atribuída

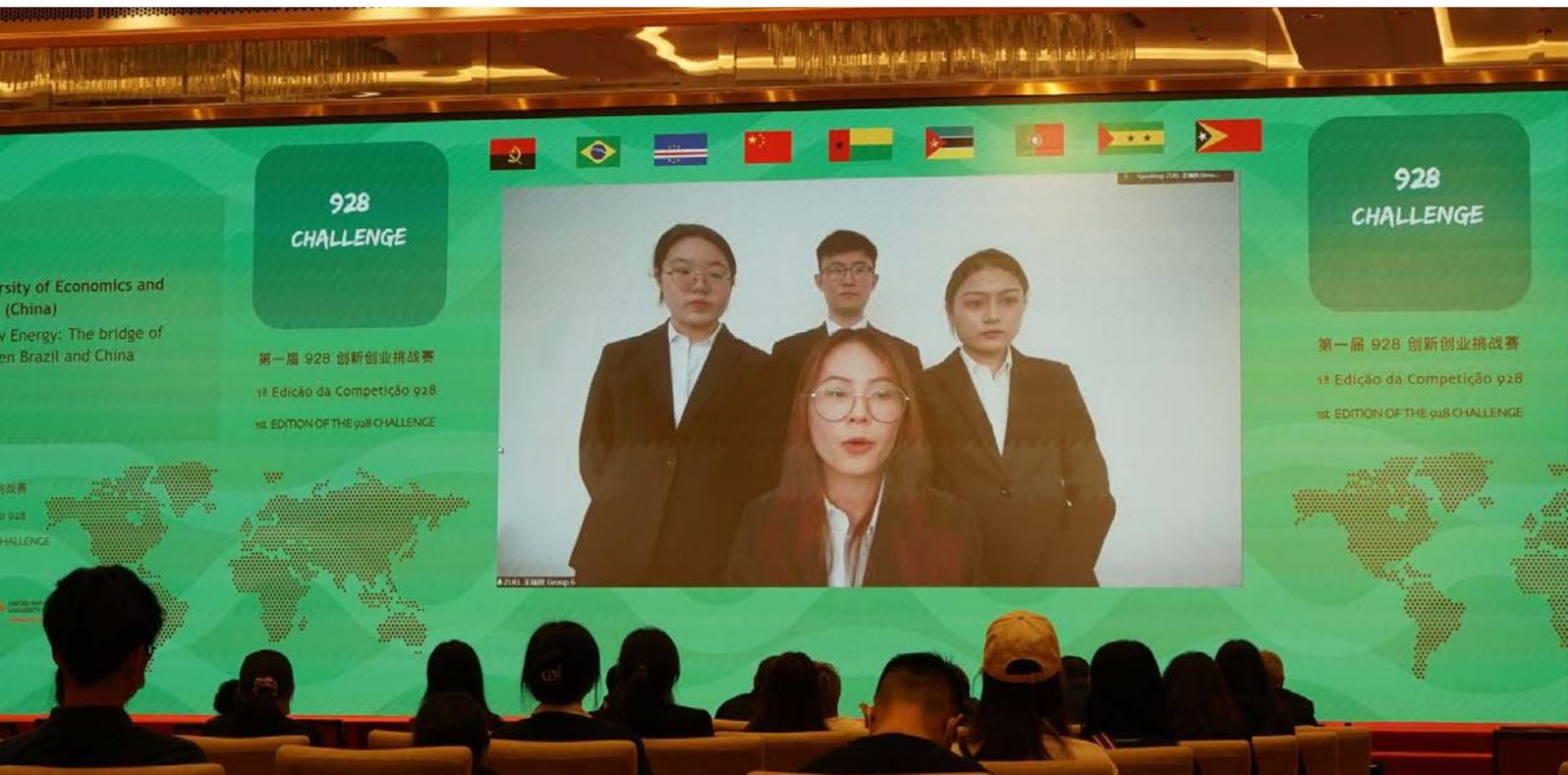
a Macau pelo Governo Central: ser uma plataforma entre a China e a Lusofonia.

José Alves, director da Faculdade de Gestão da Universidade da Cidade de Macau e um dos coordenadores do evento, explica que a segunda edição terá duas novidades: a criação de uma nova categoria para start-ups, com o objectivo de atrair ideias de negócio mais desenvolvidas e potenciais investidores interessados nesses projectos; e organização de 10 instituições de ensino superior – seis de Macau, três do resto da Grande Baía e uma

do Brasil –, ao invés de três como ocorreu na primeira edição.

“A nossa visão é que o projecto se torne o maior evento de empreendedorismo internacional em Macau. O impacto será medido pelo número de participantes, alunos universitários e start-ups”, afirma José Alves.

Marco Rizzolio, outro dos coordenadores do “928 Challenge” e docente da Universidade da Cidade de Macau, explica as diferenças entre as duas categorias da competição. “As ideias de negócio da maioria das equipas ligadas às universidades



A competição “928 Challenge” visa promover o empreendedorismo na China e no mundo lusófono

© DIREITOS RESERVADOS

ainda estão numa fase muito inicial. Apresentam uma sugestão que vão desenvolver durante a competição, embora possam surgir equipas com um produto desenvolvido e prestes a ser comercializado”, refere. “No que respeita às start-ups, submetem um produto ou serviço, e estão no primeiro ano de operação. Estas competições são um excelente trampolim para testar produtos e serviços, e encontrar novos mercados”, diz.

As inscrições, gratuitas, abriram em Junho e terminam no final de Setembro. As equipas aceites irão depois participar durante duas semanas numa actividade de formação online, desenhada para aprofundar conhecimentos sobre

o ambiente de negócios na China e nos países lusófonos, e durante a qual irão criar os seus projectos e planos de negócios, que devem ser orientados para a área da sustentabilidade.

“As mais-valias do ‘928’ são o conhecimento que transmitimos através de um painel composto por especialistas que irão dar palestras sobre as oportunidades nos países de língua portuguesa e na China; e o apoio no desenvolvimento das ideias. Empresários e professores ajudam durante a preparação do ‘pitching’”, detalha Marco Rizzolio.

Os melhores projectos serão depois apresentados a um júri, composto por académicos e empresários, e perante potenciais

investidores, numa “final” agendada para dia 29 de Outubro.

Tudo a dobrar

Este ano, a organização espera 1600 participantes – o dobro do ano passado – e 300 equipas. As universidades envolvidas passaram de 51 a 100, e o número de patrocinadores cresceu de sete para 12.

“Esperamos dobrar o número de participantes”, assume Marco Rizzolio. “Mas mais do que a participação, gostaríamos de ver projectos a encontrarem investidores e a serem concretizados.”

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

(Macau), também conhecido como Fórum de Macau, é o principal parceiro público do projecto, apoiando a ideia desde o primeiro momento por ser um instrumento de cooperação. “O Fórum de Macau só tem a ganhar quando actua no quadro dos seus objectivos, o que é manifestamente o caso”, sublinha Paulo Espírito Santo, secretário-geral adjunto do organismo. “Acrecece que a iniciativa não se esgota num mero exercício académico – o que per si já não seria de somenos –, mas vai mais além, desafiando os estudantes a conceberem projectos sustentáveis na área do empreendedorismo, adequados às realidades envolventes, buscando soluções para problemas reais e assim podendo vir a tornar-se start-ups”, acrescenta o responsável.

“Não nos podemos esquecer que as pequenas e médias empresas têm um grande impacto ao nível da empregabilidade e em muitos países são fonte de exportações”, diz

Paulo Espírito Santo, que realça o balanço “fracamente positivo” das relações sino-lusófonas. “As trocas comerciais atingiram os 200 mil milhões de dólares americanos no ano passado. Em 2003, data da institucionalização do Fórum de Macau, o valor rondava os seis mil milhões de dólares americanos.”

Colmatar lacunas

A ideia de criar a competição “928 Challenge” surgiu depois de os organizadores constatarem que não existia um evento que incluísse todas as regiões abrangidas pela chamada “plataforma de Macau”. “Mais ainda, verificámos que, ao nível universitário, a maioria dos estudantes tem ainda um conhecimento incipiente sobre esta ideia”, explica José Alves.

Assim nasceu o conceito da competição. “A interdisciplinaridade e escala global que o empreendedorismo tem hoje permite que o ‘928’ seja um instrumento único

para a divulgação de Macau às gerações mais jovens da China e dos países de língua portuguesa. Não haverá muitas outras áreas e eventos que possam ter o mesmo alcance e impacto a longo prazo”, defende o académico.

Como funciona o “928 Challenge”?

- As equipas inscritas participam em duas semanas de formação online (ao estilo “bootcamp”), com palestras e tutoriais;
- Durante o “bootcamp”, cada equipa deve criar e apresentar o seu projecto e plano de negócios, orientado para a promoção da sustentabilidade e da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa;
- Os projectos seleccionados para a final, a decorrer no dia 29 de Outubro, serão apresentados perante um júri e potenciais investidores;
- As três equipas vencedoras vão partilhar entre si um prémio monetário total de 70 mil patacas, bem como um prémio em serviços “cloud” no valor de 30 mil patacas, patrocinado pela gigante tecnológica chinesa Alibaba.



Conferência de imprensa de apresentação da edição de 2022 do “928 Challenge”

Todos saem beneficiados, sublinha. Os alunos, pelo conhecimento adquirido de outros países e culturas, “fundamental na criação de negócios competitivos e sustentáveis”. Já as universidades, entre outros motivos, ganham projecção à escala internacional e podem desenvolver relações com novos parceiros, diz José Alves. Do lado dos académicos, a mais-valia é realizada através dos contactos directos com líderes empresariais e outros académicos, ao passo que as empresas beneficiam pelo acesso privilegiado e directo a ideias, talentos e novos mercados. Por fim, as instituições públicas participantes podem afirmar-se no papel de dinamizadores do ecossistema empresarial e educativo, com um investimento relativamente reduzido, realça.

“É importante salientar que qualquer ecossistema de empreendedorismo precisa de uma cooperação dinâmica e equilibrada entre universidades, empresas e Governo”, enfatiza José Alves. “O ‘928’ está consciente desta dinâmica e vai continuar a trabalhar para que isto se torne uma realidade”, assegura.

A actual conjuntura, com os intercâmbios internacionais entre Macau e o exterior limitados por causa da pandemia da COVID-19, foi outro impulso para o lançamento da competição, salienta Marco Rizzolio. “Estes dois últimos anos têm sido muito difíceis para o mundo. Macau não fugiu à regra, com uma desaceleração muito grande no volume de negócios, especialmente para médias e pequenas empresas. Continuamos com as fronteiras

fechadas, excepto para o Interior da China. A pandemia trouxe tempo e obrigou-nos a pensar em novos desafios”, afirma o também empresário, fundador da Follow Me Macau, ligada ao sector do turismo e uma das primeiras start-ups a instalar-se no Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau, organismo lançado em 2015.

À frente de outras iniciativas que relacionam empreendedorismo e ensino superior, Marco Rizzolio diz que a ambição do “928 Challenge” é que seja uma competição de referência para os países de língua portuguesa e para a China. “Queremos ser um mecanismo para o desenvolvimento de start-ups no âmbito da plataforma que Macau pretende ser, e conseguirmos conectar verticalmente todos as partes”, sublinha. ▲

Primeira edição com balanço positivo

NA sua primeira edição, que decorreu no ano passado, o concurso “928 Challenge” juntou 51 universidades e cerca de 800 alunos, divididos em 153 equipas e 89 projectos, dos quais 16 foram seleccionados como finalistas. “Excedeu o que esperávamos. O nível de adesão confirma a enorme expectativa que existe em relação a Macau como plataforma”, realça José Alves, director da Faculdade de Gestão da Universidade da Cidade de Macau e um dos organizadores da competição.

Das quatro equipas premiadas, pelo menos duas já estão a avançar com o desenvolvimento

das respectivas ideias. A equipa vencedora, da Universidade do Porto, tem em mãos um projecto de vacinas probióticas para peixes de aquacultura. Já uma das propostas que ficou em terceiro lugar, apresentada por uma equipa da Universidade Normal Politécnica de Cantão, está focada na utilização da medicina tradicional chinesa para a prevenção de doenças cardíacas.

“Na segunda edição, esperamos atrair projectos em fases mais avançadas e colocar as melhores equipas em contacto com potenciais investidores”, salienta José Alves. ▲

PORTUGUESES EM MACAU

PORTUGAL NO CORAÇÃO, MAS A CASA É DE TODOS

Uma comunidade em constante reinvenção. É assim que Amélia António caracteriza a comunidade portuguesa radicada no território. A presidente da Casa de Portugal em Macau afirma que a cultura portuguesa permanece viva na cidade e desperta, aparentemente, mais interesse do que nunca junto da comunidade chinesa

Texto | Marco Carvalho

TODO o mundo é composto de mudança. Amélia António não evoca directamente a obra do príncipe dos poetas portugueses, mas o verso – um dos mais conhecidos da poesia lírica de Luís de Camões – ecoa com irrefutável familiaridade no retrato que a dirigente da Casa de Portugal em Macau traça da comunidade portuguesa radicada na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), volvidas que estão mais de duas décadas sobre o regresso do território à administração chinesa.

Desde 2005 à frente dos destinos da maior associação de matriz portuguesa de Macau, Amélia António viu a comunidade encolher, depois crescer

de novo, rejuvenescer-se e transformar-se, ao ponto de ocupar espaços e assumir funções que não desempenhava tradicionalmente. Muda-se o ser, muda-se a confiança e para a presidente da Casa de Portugal em Macau, a perspectiva da reinvenção constante é a que melhor define a forma como a comunidade portuguesa evoluiu nas duas últimas décadas.

“A comunidade portuguesa com origem fora de Macau é hoje bastante mais jovem do que era, eventualmente, aquando da transição”, esclarece Amélia António. “Das pessoas que chegaram a Macau nos últimos anos, a maior parte é gente jovem que vinha orientada para o desempenho de determinadas actividades, a maioria talvez já com alguma indicação”, complementa a dirigente associativa.

Em Agosto do ano passado, um total de 0,3 por cento da população de Macau era natural de Portugal. De acordo com o relatório final do Censos 2021, das 682.070 pessoas que constituíam, na altura, a população do território, 2213 nasceram em Portugal, contra as 1835 contabilizadas em 2011. A comunidade é pequena, reconhece Amélia António, mas a sua grandeza não se mede pela força dos números, afirma.

“No dia em que a comunidade portuguesa não tiver uma actividade sistemática e permanente em Macau, uma presença em Macau, há muita coisa que se vai alterar. Aquelas características da cidade multicultural, com uma herança cultural que atravessa vários séculos, que influenciou a cultura local e que teve importância a todos os níveis – da arte à gastronomia, passando pela maneira de viver –, acabarão por se apagar”, sustenta a dirigente associativa. “A influência da comunidade portuguesa, na minha opinião, é muito importante para manter essas características, para manter aquilo que definia Macau como uma zona diferente da restante República Popular da China”, acrescenta.

Alma portuguesa, raízes locais

A missão de salvaguardar o legado cultural português em Macau foi um dos desígnios que nortearam a criação, a 1 de Junho de 2001, da Casa de Portugal em Macau. Desde então, o organismo conseguiu vincar posições em domínios tão distintos como o panorama desportivo, cultural ou mesmo educativo do território, através de uma singular aposta na formação profissional.



“O trabalho que a Casa tem feito em termos de divulgação cultural e na formação de novos valores, não só através dos eventos, mas sobretudo através das actividades da Escola de Artes e Ofícios – os workshops, os cursos, as exposições –, é uma forma muito prática, e muito próxima das pessoas, de transmitir o conhecimento de uma cultura diferente. Através da arte é possível passar muito da maneira de ser, da maneira de estar no mundo, da maneira de lidar com tudo o que nos rodeia”, sublinha a também advogada. “Através da arte, estas coisas tornam-se mais acessíveis às pessoas. Esta aposta tem permitido que a comunidade local, nomeadamente a comunidade chinesa, possa usufruir de um maior acesso à cultura portuguesa”, reforça Amélia António.

O trabalho desenvolvido pela Casa de Portugal em Macau ao longo dos últimos 21 anos permitiu, por exemplo, que cabeçudos e gigantones percorressem as ruas do território em vistosos cortejos,

A comunidade portuguesa com origem fora de Macau é hoje bastante mais jovem do que era

AMÉLIA ANTÓNIO
PRESIDENTE DA
CASA DE PORTUGAL
EM MACAU

que crianças de diferentes proveniências e estratos culturais vibrassem com robertos e marionetas e que miúdos e graúdos descobrissem os segredos e os encantos de ofícios como a azulejaria, a joalheria ou a pintura de porcelana.

A Casa de Portugal em Macau é uma casa portuguesa, com certeza, mas é também – e cada vez mais – uma parte fundamental de Macau. Do Festival de Artes ao Arraial de São João, passando pelo Festival da Lusofonia e pelo Festival Fringe, a Casa de Portugal em Macau está, desde há vários anos, presente nos principais momentos da vida cultura do território e é cada vez mais procurada pela população local, garante a dirigente.

“Há áreas específicas da actividade da Escola de Artes e Ofícios que são, sobretudo, frequentadas ou procuradas por alunos locais, pessoas que têm uma vaga ideia do que é Portugal e querem conhecer mais, querem aprender. Nos últimos anos – pelo menos nos últimos três anos –, em todas as actividades que organizámos para crianças, quase 90 por cento dos inscritos foram crianças locais”, nota Amélia António. “No meu entender, estas actividades são muito importantes, exactamente por propiciarem uma abertura a novos horizontes, a uma cultura diferente. Permitem que, quer os crescidos, quer as crianças, possam perceber que o mundo é maior, que há muitas maneiras de estar e que há muito a aprender por esse mundo fora. Eu acho que este é um dos aspectos fundamentais do trabalho que a Casa tem conseguido fazer ao longo de todos estes anos”, assume.

A exemplo do que sucede com as demais associações lusófonas da RAEM, a Casa de Portugal em Macau também



© DIREITOS RESERVADOS

As actividades culturais são fundamentais para apresentar a cultura portuguesa

foi convidada a criar o seu próprio espaço de representação no edifício-sede do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Amélia António diz que a organização que lidera nunca voltou as costas aos desafios lançados pelas autoridades locais, mas lembra, ainda assim, que a vocação do organismo sempre teve uma natureza distinta, a de aproximar os povos através da cultura.

“Acho que temos um papel diferente. Quando alguém nos pede apoio para qualquer evento, para qualquer realização em que a nossa presença possa ser uma mais-valia – para a divulgação, para dar mais valor, para dar mais impacto a qualquer evento –, nós, desde que possamos, estamos sempre abertos para ajudar. A nossa posição é tentar fazer sempre o máximo a todos os níveis, mas, sobretudo, na área cultural, até porque não há quem o faça”, esclarece. ◀



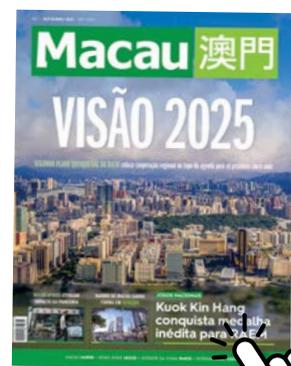
◀ VER VÍDEO AQUI

Tenha a
**Revista
Macau**
sempre
consigo.



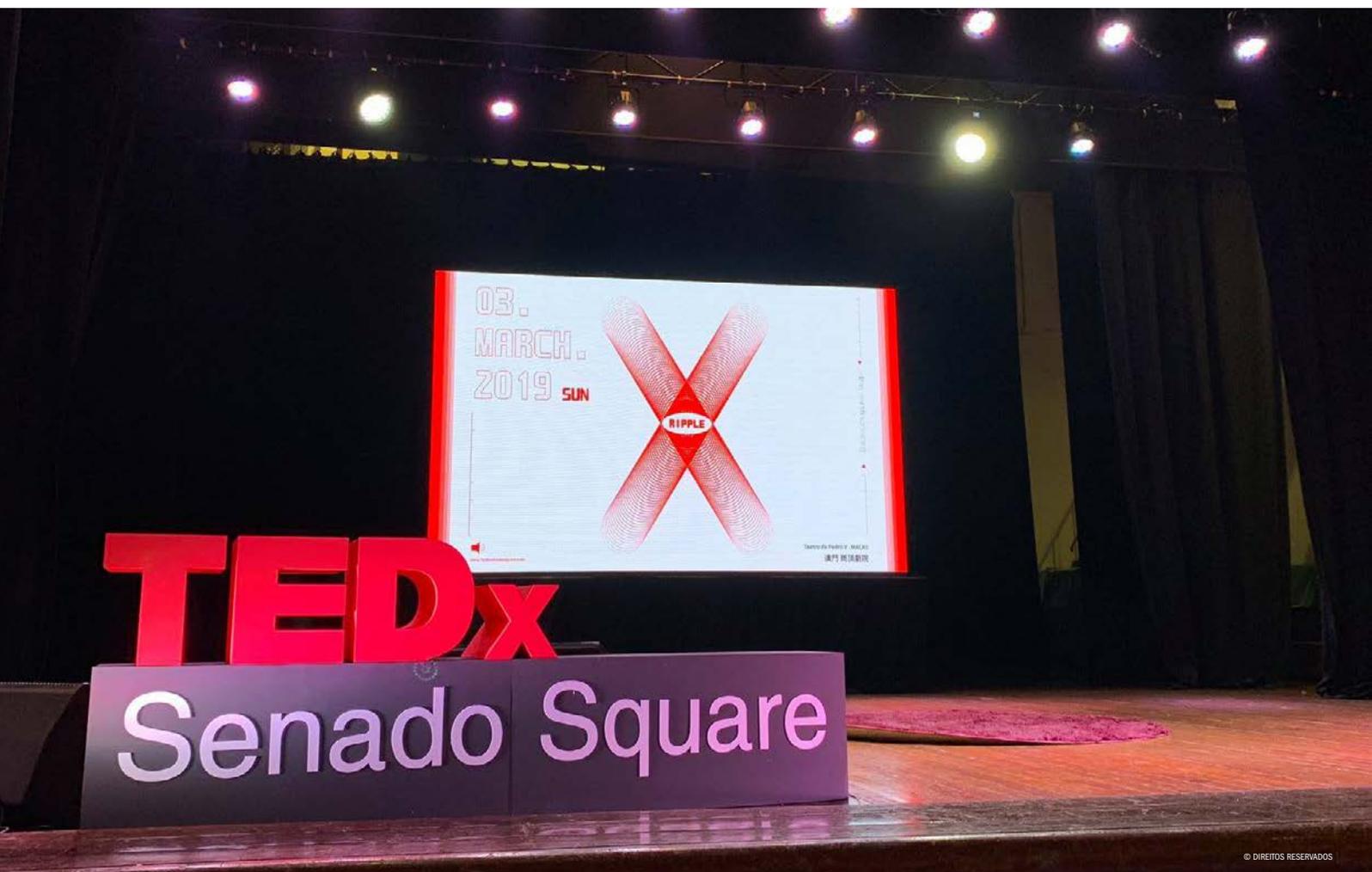
Descarregue
a nossa
**aplicação
móvel** agora!

App da Revista Macau disponível em:



Todas as edições
disponíveis online

Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



© DIREITOS RESERVADOS

TEDxSENADOSQUARE

Macau e as ideias que merecem ser partilhadas

O ciclo de conferências TEDxSenadoSquare, lançado há quatro anos, quer ajudar a promover a troca de conhecimento e experiências, estimulando a inovação. Com a próxima edição do evento em preparação, a Revista Macau foi falar com os organizadores para descobrir o que torna o TEDxSenadoSquare diferente

Texto | Catarina Brites Soares

MACAU está no mapa da comunidade TEDx, inspirada pelas famosas conferências TED, de origem norte-americana. O evento anual TEDxSenadoSquare começou em 2019, pela mão da curadora Venus Loi, que deu nova roupagem local a um formato que é global, presente em palcos por todo o mundo, sempre sob o lema “Ideias que valem a pena ser partilhadas”.

O objectivo de cada evento TED é dar a conhecer ao público abordagens inovadoras com potencial de ter impacto na sociedade. Oradores de diferentes campos participam em palestras de curta duração, que se querem criativas e capazes de estimular a curiosidade e o pensamento de quem está na audiência.

Venus Loi explica que a equipa responsável pela organização do TEDxSenadoSquare procura convidar palestrantes de peso nos seus respectivos domínios, mas também cidadãos comuns que dedicam tempo e esforço a causas importantes. “Todos merecem ter um espaço. Tendo em conta que o TEDx é um evento organizado a nível local, é esse perfil que priorizamos quando decidimos os temas para cada edição”, explica.

O também curador Rex Loi diz que a experiência enquanto membro da organização do



A activista ambiental Viena Mak fez uma apresentação sobre golfinhos durante a edição de 2019 do TEDxSenadoSquare

TEDxSenadoSquare lhe permitiu ter consciência da quantidade de talento e histórias existentes em Macau que merecem ser partilhados. “Há quem esteja a criar algo único, outros estão envolvidos em projectos de inovação em prol da cidade e mesmo do mundo”, realça. “Limitamo-nos a criar uma oportunidade para que dêem a conhecer os projectos em que estão envolvidos.”

Para um problema, várias respostas

A equipa do TEDxSenadoSquare tem nove elementos fixos, mas todos os anos conta com a ajuda de vários voluntários. Até às palestras, há um processo que visa garantir a coerência interna e a qualidade de cada evento. Primeiro, é escolhido

o tópico geral, depois os temas para debate e, por fim, que pessoas, de diferentes campos, se enquadram nesses objectivos. A maioria dos oradores discursa em chinês, mas está disponível legendagem em tempo real para inglês em ecrãs gigantes.

“Tentamos que haja tanta diversidade quanto possível, não só porque é um requisito do TEDx, mas também porque acreditamos que é importante promover essa pluralidade de conhecimento”, refere Venus Loi. “Há muitos problemas que não têm só uma resposta. É por isso que o TEDxSenadoSquare é um excelente meio para mudar mentalidades e tornar-nos receptivos a novas propostas.”

Foi quando estudava Economia no Reino Unido que a jovem teve oportunidade de conhecer

de perto o fenómeno TED. Ficou fascinada com o ambiente, oradores, a equipa e o mote, e lançou o TEDxDurhamUniversity dois anos depois, em 2014. “Quis criar um espaço de partilha junto daquela que era a minha comunidade e dar a conhecer aos meus colegas temas e boas ideias que estavam entre nós, mas que desconhecíamos”, conta.

Terminou os estudos, voltou a Macau – em 2016 – e decidiu que a cidade também devia ter um TEDx, que incluísse palestras, performances e debates. Antes, teve de criar uma organização não-governamental e receber o respectivo licenciamento da “casa-mãe” norte-americana, a Fundação TED, o que conseguiu em 2018. Nasceu

então o TEDxSenadoSquare, procurando dar destaque a questões e nomes que sejam relevantes para a população local.

A Venus Loi juntou-se Rex Loi, motivado também pelo que tinha experienciado enquanto estudante universitário em Taiwan. “Havia vários TEDx na minha universidade e na cidade onde estudava.

Ideias em formato diferente

O MODELO TED foi criado em 1984 na Califórnia, nos Estados Unidos, inicialmente como uma conferência para dar destaque a assuntos relacionados com tecnologia, entretenimento e design – daí a sigla. Hoje, o movimento TED, nos seus diferentes formatos, abrange quase todos os campos do conhecimento e mais de 100 idiomas. Sem fins lucrativos, cada evento TED é caracterizado por apresentações curtas (18 minutos, no máximo), cada uma dedicada a um tema.

Actualmente, há pelo menos duas grandes conferências anuais TED, as quais contam com a participação de líderes mundiais e outras figuras de proa do pensamento.

O formato TEDx surgiu em 2009. A essência é similar, mas o que o distingue do modelo TED original é ser um evento desenhado a pensar numa comunidade particular – o “x” significa que se trata de um evento organizado de forma independente, embora licenciado pela “casa-mãe”. Cada TEDx é único porque desenvolve um conceito e conteúdos próprios, de forma autónoma dos restantes, e focados na comunidade a que se dirige.

Há, no entanto, pontos comuns, como o apoio que a Fundação TED global dá ao nível de contactos, formação e gestão do evento. “Antes da pandemia, costumávamos visitar outros eventos TEDx organizados aqui perto, para aprender. É uma grande comunidade”, realça Venus Loi, curadora do TEDxSenadoSquare.

Na primeira edição do TEDxSenadoSquare, mais de 200 pessoas assistiram ao evento. Na segunda, realizada em formato online por causa da pandemia da COVID-19, a audiência subiu para mais de dois mil espectadores. No ano passado, foram cerca de 150 as pessoas que se deslocaram ao Teatro D. Pedro V para ver e ouvir as apresentações do TEDxSenadoSquare.

“O TEDx é uma iniciativa que parte da sociedade civil, que mantém a missão do formato TED de procurar e dar a conhecer ideias que merecem ser partilhadas, e que traz a essência das conferências TED às comunidades locais”, sublinha Rex Loi, também curador do TEDxSenadoSquare. “São organizadas por cidadãos comuns, motivados por descobrir novas ideias que inspirem o entorno em que estão inseridos”, remata. ▲



A mais-valia do TEDxSenadoSquare é a de juntar pessoas de diferentes áreas e campos de saber. É um verdadeiro espaço de partilha

ANTÓNIO LEONG
FOTÓGRAFO E ORADOR NA EDIÇÃO
DE 2019 DO TEDxSENADOSQUARE

TEDx
Senado Square



© DIREITOS RESERVADOS

Vi como os eventos se repercutiam depois na sociedade. Quando voltei a Macau para começar o meu negócio, senti necessidade de criar algo que pudesse igualmente ter impacto aqui”, recorda.

Antes, já tinham sido organizados outros eventos TEDx na cidade. Entre 2015 e 2017, a Universidade de Macau realizou algumas palestras sob o formato, mas sobretudo dedicadas à comunidade universitária. Já o TEDxSenadoSquare pretende ser aberto a todos os tipos de público.

A primeira vez que o TEDxSenadoSquare teve lugar foi em 2019, no Teatro D. Pedro V, onde

se reuniram mais de 200 espectadores para assistir às palestras de nove convidados. “Ondulação” (“Ripple”, em inglês) foi o tema da edição inaugural, com apresentações sobre diversos temas, incluindo educação, fotografia, música, golfinhos, tecnologia e morte. Pasu Ng, embalsamador profissional e presidente-fundador da Associação de Hong Kong de Estudos sobre a Vida e Morte; Viena Mak, activista ambiental e membro da Sociedade de Hong Kong de Conservação dos Golfinhos; Tamara Solski, arquitecta especializada em espaços urbanos; e o fotógrafo António Leong foram alguns dos oradores dessa edição.

“A mais-valia do TEDxSenadoSquare é a de juntar pessoas de diferentes áreas e campos de saber. É um verdadeiro espaço de partilha”, elogia António Leong, que apresentou na altura uma palestra sobre “Descobrir a Beleza”.

“Falei sobre a minha experiência de fotografar a cidade ao longo de vários anos, e da importância de perder 30 minutos por dia a observar o sítio onde vivemos”, recorda. De certa forma, reforça, a palestra que deu foi sobre a importância de parar. “Vivemos num ambiente denso e sobrepopulado, numa correria para o trabalho, para a escola. Um dia, damo-nos conta que houve



Actuação da percussionista Yukie Lai durante a edição de 2021 do TEDxSenadoSquare

várias coisas belas que perdemos porque andávamos a correr.”

Discursos para a mudança

A edição seguinte do TEDxSenadoSquare já não permitiu intervenções presenciais por causa da pandemia da COVID-19, mas não deixou de acontecer, ainda que em formato online. Em 2021, o evento voltou a ser presencial e novamente no Teatro D. Pedro V, subordinado ao tema “Despertar” (“Dawn”, em inglês). Nessa edição, os participantes falaram sobre emoções e temáticas relacionadas com protecção ambiental, tendo como pano de fundo o impacto da COVID-19.

Christy Un foi uma das convidadas, para abordar a temática do desenvolvimento sustentável. Na

altura, partilhou com a audiência detalhes sobre a sua experiência no maior campo de refugiados na Síria, onde estagiou ao abrigo de um programa das Nações Unidas, e apresentou o trabalho da organização não-governamental Genervision House, que co-fundou durante a pandemia, e que se foca no cumprimento dos Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

“O desenvolvimento sustentável é uma área multifacetada que toca aspectos económicos, sociais e ambientais. O meu discurso focou-se na urgência em cumprir os Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável a nível global e local, sobretudo depois da pandemia”, refere.

Christy Un diz que a oportunidade de falar sobre temas aos quais

se dedica com uma audiência tão heterogénea foi gratificante. A activista considera que o TEDxSenadoSquare tem especial valor pela versatilidade de abordagens que proporciona.

“É um momento de estímulo intelectual, mas também de inspiração, que promove diálogos abertos e ousados, necessários numa comunidade que queira desenvolver-se”, refere. “Ao ter maior consciência e conhecimento sobre





Cerca de 150 pessoas participaram na edição do ano passado do TEDxSenadoSquare

sustentabilidade, Macau pode tornar-se numa sociedade mais inclusiva na qual as camadas mais marginalizadas também beneficiem do desenvolvimento”, frisa.

Danny Chi foi outro dos nomes que compôs o painel da edição do ano passado, que contou com um total de oito convidados – seis oradores e duas artistas, que actuaram nos intervalos das palestras. O biólogo, seleccionado para a lista de 2021 da National Geographic

Society de exploradores emergentes a nível global, falou também sobre sustentabilidade, mas com tónica nos ecossistemas.

“Vivemos no mesmo planeta que outras espécies. Partilhamos recursos como a água, o ar, a alimentação. Macau é um dos territórios mais urbanizados no mundo. O nosso caso é uma referência importante para outras cidades em desenvolvimento”, explica. “Assisto às palestras do TEDx desde 2010 e

acredito muito no slogan ‘boas ideias merecem a pena ser partilhadas’”, afirma o biólogo. “A comunicação é um elemento crucial nos humanos. Todas as mudanças históricas nasceram a partir de um discurso.” ▲

Mais informação:



FUNDAÇÃO RUI CUNHA

Uma década a pensar Macau

Em dez anos de vida, a Fundação Rui Cunha promoveu um evento a cada dois dias e meio. Intensa, a actividade é a soma de uma estratégia deliberada para colocar a instituição no mapa artístico e cívico do território, numa missão em que o protagonismo cultural caminha de mãos dadas com um desígnio bem mais fundamental: o de estudar, reflectir e divulgar o direito local. A Revista Macau foi conhecer os cantos a uma casa que se diz de todos

Texto | Marco Carvalho

DESCOMUNAL e austero, o aquário impõe-se com natural preponderância. As divindades orientais, as pinturas em papel de arroz, os requintes do mobiliário enchem o magro gabinete do advogado Rui Cunha com uma incontornável aura de exotismo, mas são as carpas – colossais e indiferentes, em incessável trânsito no imenso tanque – que sequestram o olhar. Desfilam com uma cadência uniforme, um vagar quase hipnótico que embala, que tranquiliza, que convida à introspecção.

E é de um exercício solitário de

reflexão, de uma anamnese em jeito de balanço ao fim de pouco mais de uma década de Região Administrativa Especial de Macau, que germinaram, no Verão de 2011, os rudimentos do que viria a ser uma das mais influentes organizações da sociedade civil do território, a Fundação Rui Cunha. “Um ano antes de começar, de concretizar este projecto da Fundação, eu fiz um exercício de reflexão. Nessa altura, inclinava-me mais para a criação de um centro de estudos. Um centro de estudos, de reflexão e de difusão do direito de Macau. Essa ideia evoluiu um pouco e, em vez de um centro de estudos, convenci-me que era melhor criar uma Fundação que fosse o sustentáculo de um centro de estudos”, explica

Rui Cunha, em entrevista à Revista Macau.

Se bem a engendrou, melhor a cumpriu. Radicado no território desde o início da década de 80 e sócio fundador de um dos maiores escritórios de advocacia de Macau, Rui José da Cunha talvez não acredite nos poetas, mas a intencionalidade com que o sonho se fez obra é quase pessoana. A 28 de Abril de 2012, menos de um ano depois de ter confidenciado aos seus peixes o desejo de retribuir a generosidade com que Macau o acolheu, o veterano causídico abriu as portas à Fundação Rui Cunha.

“Eu pensei na Fundação, essencialmente como uma forma de ajudar mais o estudo e a reflexão sobre o direito de Macau”, atesta

o advogado. “Mas depois, e simultaneamente, resolvi criar um braço que tinha como missão tentar, também, ajudar a cultura aqui em Macau. Um braço de fomento à cultura, através de vários aspectos que nos propúnhamos considerar: teríamos a música, a arte e outras manifestações culturais – inclusive a edição de livros, a organização de seminários e de conferências sobre vários temas –, mas, essencialmente, o objectivo seria o de servir como um pólo de atracção

da actividade cultural aqui em Macau”, complementa Rui Cunha.

Duas faces, a mesma moeda

Una e múltipla, a Fundação Rui Cunha é, em simultâneo, uma e muitas coisas. O direito, a cultura e a educação são a trindade de desígnios que catapultaram a organização, ao longo da última década, para um patamar ímpar no panorama social e cívico de Macau.

O propósito que norteou a criação da Fundação – o de promover a reflexão, o estudo e a divulgação do direito local – não é de todo a única faceta de que se ocupa a instituição, mas continua a afigurar-se, pela mão do Centro de Reflexão, Estudo e Difusão do Direito de Macau (CREDDM), como a sua principal razão de ser, face a uma exigência que se mantém premente. “Sinto que havia há dez anos [a necessidade de aprofundar o estudo do direito de Macau], há agora e há-de haver



A Fundação Rui Cunha abriu portas em Abril de 2012



Para se fazer algo que tivesse uma certa relevância na sociedade de Macau, era necessário fazer muitas coisas em pouco tempo

RUI CUNHA



© ANTONIO SAMARILL

para o futuro. Porquê? Porque esta é uma área dinâmica que exige permanente actuação, permanente intervenção, permanente acompanhamento, até das alterações que a própria sociedade vai tendo. O direito tem que acompanhar tudo isso”, sustenta Rui Cunha.

“A sociedade hoje não é a sociedade de há dez anos e não é a sociedade de há 20 anos, da altura em que se fez a transição. Nós temos hoje uma sociedade diferente. As exigências são diferentes, os padrões de vida são diferentes e tudo isto necessita de ser transposto para o direito, que depois vem regular a vida dos cidadãos. E é nesse aspecto que eu penso que havia e há necessidade de se fazer mais”, acrescenta o mentor da Fundação.

Exigente e complexa, a árdua tarefa de acompanhar a par e passo a evolução de um corpo de saber em constante mutação levou Rui Cunha a recrutar reforços num dos bastiões da jurisprudência portuguesa. Mestre em direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Filipa Guadalupe chegou a Macau um mês antes de a Fundação ser lançada para assumir a coordenação do CREDDM e, ao longo da última década, supervisionou o lançamento de dezenas de publicações, a organização de conferências, mesas-redondas e debates e viu a vocação do centro ser oficialmente reconhecida pelas autoridades de Macau.

“Ao longo destes dez anos, promovemos muitíssimos cursos.

Cursos jurídicos, fundamentalmente, quer para estudantes de direito e recém-licenciados, quer também para profissionais em variados campos. Foram sempre cursos que tiveram boa aceitação”, salienta Filipa Guadalupe. “Foi uma área que sempre suscitou um bom feedback por parte da população, de tal forma que somos, desde 2019, um dos centros de formação certificados pelos Serviços de Educação e Desenvolvimento da Juventude para formação a nível jurídico. Não sei se existe algum centro privado para formação jurídica para além do nosso. Somos, pelo menos, um dos únicos e essa parte é bastante boa”, complementa a responsável.

No cerne da identidade da Fundação Rui Cunha, a salvaguarda e



© FUNDAÇÃO RUI CUNHA



© FUNDAÇÃO RUI CUNHA

Espectáculos de música e exposições de arte são uma parte importante da oferta cultural da Fundação

a divulgação do direito de Macau constituem, no entanto, apenas uma das dimensões do trabalho desenvolvido pela instituição. E até nem é a mais conhecida.

Uma casa aberta a todos

Ao longo dos 3669 dias que medeiam entre a criação da Fundação, a 28 de Abril de 2012, e 15 de Maio último, a Fundação Rui Cunha promoveu um total de 1385 eventos com formas, feitos e níveis de exigência muito distintos. Feitas as contas, as instalações da Fundação, na Avenida da Praia

Grande, acolheram um recital, uma palestra, um debate ou a inauguração de uma exposição a cada 2,65 dias. Tal dinâmica – reconhece Rui Cunha – foi o resultado de uma estratégia deliberada que ajudou a transformar a instituição num nome incontornável do panorama cultural de Macau.

“Nós definimos desde o princípio que para se fazer algo que chamasse a atenção e que tivesse uma certa relevância na sociedade de Macau, era necessário fazer muitas coisas em pouco tempo. Não tínhamos tempo a perder e, se fizessemos os eventos demasiado espaçados, teríamos problemas, até porque a forma como se vive em Macau faz com que acompanhem um evento e, oito dias depois, já o tenhamos esquecido”, defende o advogado.

Os números são tanto mais admiráveis quanto o facto de serem fruto do labor e da dedicação de uma pequena, mas bem oleada máquina. Pelas mãos de Carlos Canhita e de uma mão cheia de outros

colaboradores passou a organização logística da esmagadora maioria dos eventos organizados pela Fundação ao longo da última década. “São quatro pessoas na área operacional. A equipa é composta por um designer, por uma jornalista, por um elemento multimédia e pela pessoa que se desdobra quer na gestão da página da Fundação, quer na parte das publicações. Para além de tudo isto, nós ainda publicamos livros e outras publicações e esse trabalho também vem parar a esta área. É um bolo muito grande para uma equipa tão pequena”, sublinha Carlos Canhita.

Mas para o coordenador da Área Operacional e Comunicação Global da Fundação Rui Cunha, o “conceito triunfou”. “Havia um deserto em Macau que a Fundação Rui Cunha veio preencher. Isto foi um grande impulso para que jovens artistas e uma montanha de gente comesse a criar conteúdos novos, a ter novas ideias e a ajudar esta cidade a evoluir.” ▲

1385

Número de eventos organizados pela Fundação Rui Cunha nos primeiros dez anos de existência

VER VÍDEO AQUI



PRÁTICA DE VELA

Há mar, há que velejar

Passam muitas horas na água e os fins-de-semana são dedicados à vela e outras modalidades. Nas praias de Macau, são cada vez mais as crianças e jovens que praticam desportos náuticos



Texto | Nelson Moura

Fotografia | Leong Sio Po

É NO meio de velas, cabos e embarcações que se preparam cada vez mais crianças e jovens no Centro Náutico de Hác-Sá, na Praia de Hác-Sá, em Coloane. O número de praticantes de vela tem vindo a aumentar consideravelmente, em especial entre as camadas mais jovens, que olham para os Jogos Nacionais da China, em 2025, como um dos objectivos.

É agora comum encontrar dezenas de alunos todos os fins-de-semana – e mesmo em alguns dias da semana – a dar os seus primeiros passos na arte de velejar, numa cidade em que a relação com o mar é histórica e inata.

J-war M. Tablate, treinador principal do centro, considera a vela um desporto especial para o desenvolvimento de qualquer criança, pela independência e responsabilidade que exige, além de ajudar a estabelecer uma ligação especial com o mar.

“Na vela, é necessário lidar com vários aspectos, a água, o meio ambiente, o teu equipamento. Eles estão a aprender a ser mais responsáveis e a cuidar do meio ambiente”, realça à Revista Macau. “Por outro lado, ficam a conhecer melhor o mar e os seus elementos, bem como muitos outros aspectos que podem não aprender na escola. Na sociedade, precisamos de

aprender com a experiência e os pais também ficam satisfeitos por verem os seus filhos tornarem-se mais responsáveis.”

Hayden Fong e Winston Wong são exemplo da aposta do centro na formação de jovens, com os dois velejadores juvenis a contarem com várias presenças em competições no exterior.

A velejar desde os oito anos, Hayden ascendeu ao posto de capitão substituto quando completou 13. Entre embarcações e cabos, descreve como a vela se tornou essencial na sua rotina. “É um desporto muito especial para mim. Eu também faço natação e vólei, mas gosto que a vela seja algo menos comum e mais único.



A prática de windsurf tem ganho popularidade

Como capitão substituto também já sou responsável por cuidar dos outros miúdos mais novos”, conta à Revista Macau.

Em 2018, o jovem atleta local participou no HKODA Optimist Championship e no Hong Kong Raceweek, duas competições em Hong Kong, e, em 2019, no Optimist Asian and Oceanian Championship.

O seu companheiro de equipa, Winston, não lhe fica atrás em termos de experiência, tendo participado na edição de 2018 da

Hong Kong Raceweek e nos Jogos Nacionais para Estudantes, em Qingdao, no ano passado. “Já faço vela há cerca de três anos. É muito importante para mim, é como uma rotina que tenho toda a semana, todos os domingos sei que venho para aqui e me divirto. Um dia espero tornar-me um velejador profissional”, diz o jovem de 15 anos.

Período de transição

Inaugurado a 29 de Novembro de 1999, apenas algumas semanas

antes da transferência de administração de Macau, o Centro Náutico de Hác-Sá tem uma área de 4749 metros quadrados e está devidamente apetrechado para a prática e ensino de diversas modalidades aquáticas: o diverso equipamento de vela, paddle surf, windsurf e kitesurf é complementado por salas polivalentes, cozinhas, plataformas ao ar livre e outras instalações de apoio.

A operação do centro é da responsabilidade da Associação de Vela de Macau (AVM), organização



Winston Wong (esquerda) e Hayden Fong (direita) já participaram em várias competições fora de Macau

constituída em 2000 com o apoio do Instituto do Desporto da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Brian Sou, presidente da AVM, conta à Revista Macau como o centro e a própria associação têm feito todos os possíveis para atrair e formar mais jovens locais na prática da vela, procurando rejuvenescer a paixão pela modalidade.

“No que diz respeito à formação da equipa de Macau, estamos a dar aulas de formação de alta qualidade com um instrutor de vela profissional das Filipinas todos os fins-de-semana. Esses velejadores são a elite da modalidade a nível local”, refere Brian Sou.

J-war, que se mudou de Singapura para Macau em 2017, tem contribuído de forma crucial para o aumento de alunos e praticantes de vela na cidade. “Treino atletas desde a categoria de iniciados até ao nível de elite. Em Singapura tinha funções semelhantes, estava envolvido numa equipa de alto rendimento e preparava crianças desde o nível básico ao avançado, numa prática também associada às suas actividades escolares”, diz J-war à Revista Macau.

Actualmente, conta o experiente velejador, o clube está a crescer e a adaptar-se a uma nova realidade. “Houve um grande desenvolvimento nos últimos anos. Anteriormente, este centro era mais um clube de lazer, com um foco maior em actividades de lazer, mas agora estamos num período de



Houve um grande desenvolvimento nos últimos anos e estamos num período de transição para uma componente mais competitiva

J-WAR M. TABLATE
TREINADOR PRINCIPAL
DO CENTRO NÁUTICO
DE HÁC-SÁ

transição gradual para uma componente mais competitiva”, refere.

Preparar o futuro

De acordo com J-war, o centro oferece agora aulas particulares com uma a duas pessoas, bem como sessões para grupos e para turmas escolares. “Já tivemos turmas de alunos da Escola Internacional de Macau, da Escola das Nações e de outras instituições locais. Também apoiamos actividades desportivas realizadas pelo Instituto do Desporto, geralmente a cada dois meses, de Abril a Maio e de Maio a Junho”, explica o velejador.

A AVM tem organizado, anualmente, a Macau Sailing Series, que inclui quatro eventos ao longo do ano, cada um com três regatas e outras provas. A competição conta com a parceria da Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água e de empresas locais.

Nesta competição, a equipa de vela do Centro Náutico de Hác-Sá é uma das prioridades, visto que representa parte integral do futuro da modalidade na RAEM e tem aspirações a participar nos Jogos Nacionais da China em 2025, que vão ser organizados de forma conjunta por Guangdong, Hong Kong e Macau. Criados em 1959, esta será a primeira vez que as duas regiões administrativas especiais irão acolher uma edição dos Jogos Nacionais.

Neste momento, a equipa de vela do centro conta com cerca de



O centro conta com uma grande variedade de embarcações, para crianças e jovens de diferentes idades

20 membros, nas categorias de iniciado, intermédio e avançado, com idades entre os 10 e os 17 anos.

“Temos um processo para escolher os membros da equipa. Quando observamos crianças ou adultos noutras aulas do centro com potencial, convidamo-los para umas aulas aos fins-de-semana”, explica J-war. “Depois de observar como é que trabalham em equipa e analisar como o treino avança, perguntamos se querem começar a treinar conosco. Convidamos muitos jovens para praticar windsurf e velejar,

mas fazer parte da nossa equipa depende do treino e do compromisso.”

Enfrentar desafios

O centro conta com cerca de 100 embarcações, que permitem competir em diversas categorias e classes diferentes. Entre as embarcações contam-se vários barcos da classe Optimist, um pequeno barco monotipo de bolina recomendado para crianças dos sete aos 15 anos. Como barco de transição, o centro possui também vários Toppers, um

barco construído em polipropileno e popular como barco de corrida ou para treino de vela; e com os Lasers, um barco à vela de classe olímpica, como última paragem dos futuros atletas.

Comum a qualquer desporto náutico, os praticantes de vela fazem frente a ventos, marés e tempestades, ultrapassando os desafios que vão surgindo, sejam estes meteorológicos ou pandémicos.

“Posso dizer que temos vantagens e desvantagens no que toca ao clima local. O clima de Macau



Dezenas de jovens praticam vela e outros desportos náuticos em Coloane

é imprevisível, tanto podemos ter vento fraco que de repente se levanta, como podemos ter correntes fracas e, de repente, correntes fortes. Pelo lado positivo, o mar é geralmente calmo e sem muitas ondas”, descreve J-war. “Durante o Verão, o vento vem de Nordeste para Sudoeste, o que pode dificultar muito o treino, pois precisamos ir mais longe para apanhar mais vento.”

Quanto ao impacto da pandemia da COVID-19, o treinador nota que a situação levou à suspensão

da participação dos atletas de vela em competições locais e internacionais, eventos que são importantes no percurso de aprendizagem. “Como treinador, tornou-se mais difícil motivar os alunos. Temos o plano para preparar a nossa equipa para os Jogos Nacionais de 2025, mas precisamos agora da experiência em competições, para ter a certeza de que atingimos o nível necessário para provas desta exigência. Espero que este ano já possamos participar” em alguns eventos, acrescenta J-war.

Apesar das circunstâncias, Brian Sou destaca que, em 2021, a AVM ainda conseguiu que os seus jovens velejadores participassem em dois grandes eventos no Interior da China, um na província de Zhejiang e outro nos Jogos Nacionais para Estudantes, que decorreram em Qingdao. “Olhando para o futuro, esperamos que, após a pandemia, a nossa equipa possa participar em regatas em diferentes países da Ásia e até noutras partes do mundo”, salienta o presidente da associação. ▲

a minha cidade

DA GRATIDÃO À GENEROSIDADE.

© LEONG SIO PO



UM ROTEIRO SENTIMENTAL



Apresenta-se como um salva-vidas a quem está mais fragilizado, mas **Paul Pun Chi Meng** define-se como alguém que ajuda os outros a encontrarem o seu caminho. Foi nos anos de infância em Macau que percorreu os caminhos que o levaram a dedicar-se ao serviço social

Texto | Marco Carvalho

NASCEU no seio de uma família numerosa, cresceu em casas de acolhimento e internatos, dormiu ao relento e só não teve uma meninez desvalida porque cedo compreendeu que a pobreza não tem que ser uma sentença definitiva. Paul Pun é, em Macau, o exemplo perfeito do aforismo que garante que a generosidade gera generosidade. Há quatro décadas ao serviço dos outros, o secretário-geral da Cáritas de Macau é, para muitos, o rosto da solidariedade no território. A chave do altruísmo? A gratidão que aprendeu a cultivar desde os verdes anos da infância. ▀

a minha cidade



© ARQUIVO DE MACAU

Os primórdios da compaixão

OS CÃES latiam, ganiam, ladravam pela madrugada dentro. Alguns pareciam chorar e a lembrança desse cainhar feito pranto ainda hoje acompanha Paul Pun. O secretário-geral da Cáritas de Macau conserva memórias aquilinas dos primeiros anos da infância, passados quase integralmente num asilo para crianças desfavorecidas que as Irmãs do Precioso Sangue geriam nas instalações, então pujantes, do Complexo Desportivo do Canidromo.

“Nasci numa família com 12 filhos. Na altura, as pessoas eram, regra geral, muito pobres e havia locais como este que ajudavam famílias como a minha”, sublinha Paul Pun. “Os meus primeiros anos de vida foram passados no Canidromo. Davam-me leite, pão e uma das primeiras memórias que tenho é a de ouvir os cães latir”, reconhece.

Foi à sombra da colina de Mong Há que Paul Pun descobriu também o gosto pela resolução de desafios, por tornar palpável o aparentemente impossível, um traço de carácter que foi nutrindo ao longo da vida e que fez por colocar ao serviço dos outros. “Lembro-me de construir o meu próprio rádio quando lá estava. Fiz um rádio a partir de uma caixa de detergente. Tinha dois anos quando fui para lá”, recorda aquele que é, desde 1990, o timoneiro da Cáritas local.



© CHENG KAM KA

Do Repouso e da gratidão

OS ANOS 60 avançavam ao sabor da incerteza e nas ruas de Macau proliferava uma pobreza antiga. O menino Pun era magro, miúdo. Não havia nele um grama de gorduras indolentes e os bombeiros que frequentavam o ambulatório, na Estrada do Repouso, onde a avó ajeitava fracturas e ossos deslocados, engraçaram com a ligeireza com que aquele nanico de gente lhes escancarava as robustas portas do consultório.

“Eu nasci na Estrada do Repouso. E quando não dormia no Canidromo, era em casa da minha avó que ficava”, recorda Paul Pun. “A minha avó era endireita. Era muito popular, muitas pessoas recorriam aos seus serviços”, esclarece.

Entre familiares e clientes, o alvoroço no pequeno gabinete era constante, ao ponto de Paul Pun ter por vezes de dormir na rua. “Antigamente era normal as pessoas dormirem na rua. As noites eram quentes, não havia ar condicionado e, entre os vizinhos, todos se conheciam. As pessoas pegavam em camas desdobráveis, colocavam-nas na rua e dormiam ao relento”, recorda.

“Naquele tempo, havia muitos cães vadios na rua e, numa certa noite, um desses cães mordeu-me”, acrescenta. Paul Pun tem desde então uma rosa em flor no meio do peito.



© DIRETOS RESERVADOS

Estação da esperança

DA GUARIDA das Irmãs do Precioso Sangue passou para o cuidado das Dominicanas e para as instalações do que mais tarde viria a ser a Escola do Santíssimo Rosário. Situado na Rua de D. Belchior Carneiro, o mesmo edifício foi escolhido pela irmã Maria Gois para instalar, em finais da década de 1970, o Instituto de Serviço Social, entidade que mudaria para sempre a sina do jovem Paul Pun.

“Fiz parte do segundo lote de estudantes do Instituto e do primeiro grupo que aceitou estudantes do sexo masculino. Foi ali que aprendi sobre serviço social pela primeira vez”, salienta o agora secretário-geral da Cáritas de Macau.

Trabalhou como voluntário na primeira sala de estudo que abriu portas em Macau, na Igreja de Santo António, mas o primeiro grande desafio da carreira surge no início da década de 1980, já ao serviço da Cáritas, num local que foi para centenas de pessoas um farol de esperança. “Em 1980, iniciei o meu trabalho de campo no Centro de São Luís, na Ilha Verde. Fui destacado para lá para acompanhar pessoas com deficiência de natureza intelectual”, lembra Paul Pun.

“Ao mesmo tempo fazíamos trabalho de voluntariado com os refugiados vietnamitas que ali estavam instalados. Todos os dias servíamos cerca de 300 pessoas”, ilustra.



© INSTITUTO CULTURAL



Um refúgio na cidade

O TRABALHO desenvolvido na Ilha Verde chamou a atenção do padre Luis Ruiz. O missionário espanhol, que fundou e liderou a Cáritas de Macau durante quatro décadas, incentivou Paul Pun a aprofundar os estudos na área do Serviço Social, demanda que levou o então jovem assistente primeiro até à ilha de Guam e depois a Nova Iorque.

Regressado à cidade onde nasceu, Paul Pun tornou-se no final de 1990 secretário-geral da Cáritas de Macau, estatuto que ainda conserva e que partilhou até Setembro do ano passado com o cargo de director da Escola São João de Brito, estabelecimento de ensino inclusivo que criou em meados da década de 1980.

É a partir da sede da Cáritas de Macau, no Largo de Santo Agostinho, à sombra de pés-de-jaca em flor, que o “miúdo magro de carnes” da Estrada do Repouso gere, aos 65 anos, uma rede solidária que todos os dias estende a mão, directa ou indirectamente, a milhares de pessoas.

“Outro local que me diz muito é o Largo de Santo Agostinho. É uma zona com uma grande riqueza patrimonial e foi na Casa Ricci que comecei a trabalhar mais de perto com o padre Ruiz”, salienta Paul Pun.

YANG DENGQUAN NA GRANDE AVENTURA DOS SABORES

Complexa, subtil e, em grande medida, incompreendida. É assim que **Yang Dengquan** se refere à cozinha que prepara há quase quatro décadas. O influente chef trocou há cinco anos Chengdu por Macau e assumiu o desafio de desmistificar a culinária de Sichuan e provar que há vida para além do picante

Texto | Marco Carvalho

YANG DENGQUAN é um homem em missão. Nascido e criado em Chengdu e radicado em Macau há cinco anos, o responsável pela cozinha do restaurante “Five Foot Road” (“Viela”, em português) trocou o Centro pelo Sul da China com o propósito de ajudar a dissipar a nuvem de equívocos e de estereótipos que rodeiam a gastronomia de Sichuan.

Tida como a mais atrevida das cozinhas regionais da China, a culinária de Sichuan é, também, uma das mais diversas em termos de paladar, assegura o veterano chef. Refém do cliché que a associa, o mais das vezes, a malaguetas, pimenta e pratos que entorpecem os sentidos, a gastronomia de Sichuan

abrange um leque de 24 nuances de sabor que oscilam entre o azedo e o doce, o quente e o amargo ou o aromático e o salgado.

“Diversidade é a palavra-chave no que toca à cozinha de Sichuan. É uma gastronomia muito diversificada e muito inclusiva. E quando digo que é inclusiva quero dizer que é possível adicionar vários ingredientes a um único prato e, ainda assim, poder apreciar o sabor de cada um deles. Esta é a essência e alma da cozinha de Sichuan”, assinala Yang Dengquan em entrevista à Revista Macau.

Uma refeição no restaurante que o conceituado chef lidera é um exercício de subtilidade, uma viagem refinada por um cortejo de sabores que embalam o paladar. Doce, salgado, acre, estaladiço, tenuemente picante. Diáfana, uma mera sopa de galinha com ninho de andorinha

dá ares de aguarela gastronómica: no caldo translúcido paira um naco de peito de frango, reconstituído com a consistência e a textura de uma nuvem. O prato é uma das iguarias clássicas da cozinha de Sichuan, mas é praticamente desconhecido fora da província, face à fama esmagadora de que gozam pratos como o mapo doufu (tofu picante).

Mas mesmo o mais emblemático dos acepipes típicos de Chengdu, assegura Yang Dengquan, tem mais fama do que proveito. “Parece-me que continuam a persistir muitos mal-entendidos na forma como o picante é percebido. Na verdade, a cozinha de Sichuan é muito diversa. Em termos de paladar, abrange um portefólio com 24 nuances de sabor”, ilustra o chef. “Os pratos picantes, aqueles que nos entorpecem os sentidos, constituem apenas um

terço daquilo que é o perfil gastronómico de Sichuan. Eu entendo que parte da minha missão, aqui em Macau, é dar a conhecer os outros dois terços”, sublinha.

Viajar no tempo

A subtilidade com que diferentes nuances de sabor se misturam num único prato elevou a culinária de Sichuan ao pódio das cozinhas mais apreciadas na China.

Mas, mais do que viajar por novos sabores e por novas geografias, o conceito que Yang Dengquan importou para Macau é um convite à redescoberta do passado. Refinada e sumptuosa, uma refeição no seu restaurante é também uma viagem no tempo até à Chengdu da década de 1940, quando as mansões da cidade eram palco de luxuosos banquetes onde eram servidas

requintadas iguarias. É esta herança gastronómica – e a história que a ela está associada – que Yang Dengquan recria há anos em Macau, com o recurso a pimenta, malaguetas, sal e outros condimentos importados da sua província natal.

“Sempre cozinhei os pratos clássicos e as iguarias tradicionais porque me parece que tenho a responsabilidade de transmitir a cultura do local onde cresci às novas gerações. O aspecto positivo dos pratos tradicionais é que há sempre imensas histórias associadas a eles”, refere. E acrescenta: “Parte do meu trabalho passa por dar voz a essas histórias, transmitir o património gastronómico de Sichuan aos mais novos e lembrá-los que não nos devemos esquecer do nosso passado”.

Importados com uma cadência quase diária, as malaguetas, a pimenta e o sal que Yang Dengquan

utiliza na sua cozinha não são os únicos elementos provenientes de Sichuan. A maior parte dos 19 chefs que integram a equipa que lidera – e que valeu ao estabelecimento a inclusão no Guia de Viagens da Forbes com o estatuto de restaurante de cinco estrelas – foi recrutada em Chengdu. A capital da província de Sichuan tornou-se, em 2010, a primeira cidade asiática a ser considerada pela UNESCO como uma Cidade Criativa da Gastronomia, condição partilhada por Macau desde Novembro de 2017.

A distinção, considera Yang Dengquan, acarreta reconhecimento e visibilidade, mas também uma responsabilidade acrescida. “Chengdu e Macau são ambas cidades muito inclusivas e não é difícil encontrar influências de outros locais. Mas, em comparação com Chengdu, Macau é uma cidade bem mais internacional”, reconhece o chef.

“Vejo-me a mim próprio como um embaixador da gastronomia de Chengdu e até mesmo da cozinha de Sichuan em Macau. Trabalhar numa Cidade Criativa da Gastronomia pressupõe uma responsabilidade acrescida, na medida em que temos de dar resposta às expectativas dos nossos clientes, mas também honrar o nome e a confiança da UNESCO. E é neste sentido que eu quero trabalhar, para que Macau mantenha o estatuto de Cidade Criativa da Gastronomia”, remata Yang Dengquan. ◀

© DIREITOS RESERVADOS



Yang Dengquan assume-se como um embaixador da cozinha de Sichuan em Macau

roteiro

+ EXPOSIÇÃO

Olhar indiscreto sobre a alma de Macau

Sentido de pertença e uma certa nostalgia são traços incontornáveis da obra de Chan Hin Io, mas poucos registos serão tão pessoais como aqueles que o conceituado fotógrafo expõe até 24 de Julho no seu próprio estúdio, no Pátio da Eterna Felicidade.

Intitulada “Vizinhança: Fotografia Documental por Chan Hin Io”, a mostra reúne 26 obras de fotografia documental criadas entre 2004 e 2021, em que o olhar do autor procura indagar sobre a paisagem humana e as características com que se urde a alma de Macau.

Radicado no território desde 1999, o fotógrafo explora com singular originalidade a memória colectiva de uma cidade em metamorfose constante. Mais

do que meros instantâneos dos espaços, das vicissitudes e dos gestos do quotidiano, a fotografia de Chan Hin Io é um hino à resiliência de Macau.



© INSTITUTO CULTURAL

“Vizinhança: Fotografia Documental por Chan Hin Io”

LOCAL Pátio da Eterna Felicidade, n.º 10

DATA Até 24 de Julho

HORÁRIO Diariamente, entre as 10 e as 19 horas

PREÇO Entrada Gratuita



WEBSITE
<https://www.icm.gov.mo/pt/News/detail/20404>

+ EVENTO

Arraial de sustentabilidade económica

A premissa é simples: usar a tecnologia de realidade aumentada para atrair residentes e visitantes a alguns dos bairros mais tradicionais de Macau com o propósito de ajudar a impulsionar a economia local.



© DST

O sucesso alcançado pelo “Arraial na Ervanários” – a iniciativa, lançada em Novembro, conduziu mais de 44 mil pessoas à Rua dos Ervanários – levou a outras zonas do território. Inaugurado no final de Abril, o “Arraial em Coloane” propõe a redescoberta de algumas das principais atracções da antiga vila piscatória, através do recurso à tecnologia de realidade aumentada.

Ao todo, a iniciativa – a que se associaram cerca de duas dezenas de estabelecimentos comerciais locais – propõe nove experiências interactivas, em que tradição, história e inovação caminham de mãos dadas. Para explorar até ao final de Julho.

“Arraial em Coloane”

LOCAL Coloane

DATA Até ao final de Julho

HORÁRIO Em permanência

PREÇO Entrada Gratuita

ORGANIZAÇÃO Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico

IDIOMA Português e Chinês



WEBSITE
<https://coloane-macau.com/pt>

+LIVRO

Um caudal de histórias na cidade da inconstância

Exíguo, inconstante e eternamente fascinante, Macau ocupa um lugar de vanguarda no que à literatura portuguesa diz respeito. Pelo território passaram nomes cimeiros das letras lusas como Manuel Maria Barbosa du Bocage, Wenceslau de Moraes, António Patrício, Joaquim Paço d’Arcos, Maria Ondina Braga ou o inevitável Camilo Pessanha.

É, de resto, a um verso do poeta simbolista que Dora Nunes Gago foi buscar inspiração para o seu mais recente livro. Publicado em Portugal,

com a chancela das Edições Húmus, “Floriram por Engano as Rosas Bravas”, mais do que um compêndio de contos, é um instantâneo literário de uma cidade fluída e em constante mudança.

Em 24 narrativas curtas, a autora – que leccionou no Departamento de Português da Universidade de Macau ao longo dos últimos dez anos – traça, em jeito de despedida, o retrato possível de uma pequena cidade que tem dentro de si infindáveis mundos e culturas.

Floriram Por Engano As Rosas Bravas

AUTORIA Dora Nunes Gago

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Contos

IDIOMA Português

PÁGINAS 162

EDITORIA Edições Húmus

Floriram por engano as rosas bravas
Dora Nunes Gago

+NA REDE

Sabores de Macau, tudo o que sempre quis saber



A comida é um pilar fundamental de qualquer cultura. Num território como Macau – onde

diferentes culturas se tocam e entrelaçam e os sabores se conjugam no plural –, é à volta da mesa que as diferenças se esbatem de forma mais imediata.

Atenta à riqueza e à diversidade de Macau, a UNESCO designou Macau como membro da Rede de Cidades Criativas da UNESCO na área da Gastronomia em Novembro de 2017. Desde então, Governo e sociedade civil têm feito um esforço para transformar a abundância de sabores numa marca inequívoca de Macau.

As diligências tomadas condensam-se, em grande medida, no Portal Electrónico da Gastronomia, uma plataforma criada pela Direcção dos Serviços de Turismo que dá a conhecer a enorme variedade de paladares que a cidade oferece a quem a visita. A jóia da coroa do portal é, no entanto, a chamada Base de Dados da Cozinha Macaense, o maior repositório digital dedicado à “cozinhaçam di Macau” alguma vez reunido.

Para além de conteúdo audiovisual, a base de dados disponibiliza ainda mais de 300 receitas, 20 volumes de manuscritos e informação sobre 38 livros e publicações dedicados à gastronomia macaense.

ORGANIZAÇÃO Direcção dos Serviços de Turismo

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Gastronomia

IDIOMA Inglês



WEBSITE
www.gastronomy.gov.mo



“SUSTAIN III” (2020)

Escultura em porcelana - 17,5cm (altura) x 83cm (comprimento) x 25cm (largura)

Angel Chan On Kei

NASCIDA em Hong Kong em 1993, Angel Chan cresceu em Macau. Completou no ano passado um mestrado em Artes na Universidade de Educação de Taipei, em Taiwan, tendo antes concluído uma licenciatura em Artes Visuais no Instituto Politécnico de Macau (atualmente Universidade Politécnica de Macau).

Um dos elementos que marcam a sua obra é a reinterpretação, para fins criativos, da figura do sapato de salto alto feminino. O salto alto, na reflexão artística de Angel Chan, é uma metáfora para as contradições psicológicas que entrelaçam beleza e dor. Visto como um acessório que torna a mulher mais confiante

e sedutora, o uso deste tipo de calçado tem, porém, um preço físico a pagar, sob a forma de dores e mazelas. Pela sua mão, conjuntos de sapatos de salto alto ganham novas interpretações, em esculturas que se assemelham a armadilhas para animais, flores canibais ou partes do esqueleto humano. ▲

Ver mais:



INSTAGRAM



FACEBOOK



WEBSITE



Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:



Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.

收藏

澳門郵票

Colección Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



集郵標碼 QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

